

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e MACIEL DA COSTA

N.º 81

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1920

Anno VII

este numero sae augmentado de 8 paginas

## PARTE EDITORIAL

A revisão dos regulamentos de instrução.—Harmonia de vistos da M. M. F. com o nosso E. M. E.—A consequente "revisão" radical das nossas fábricas de munições ou... uma clausula especial no tratado da LIGA DAS NAÇÕES.

**A** revisão dos nossos regulamentos de instrução assumiu para muita gente a significação de uma vitória.

Já é contentar-se com muito pouco ou adivinhar.

O facto de, por assim dizer, se terem encontrado em caminho as respectivas propostas do E. M. E. e da M. M. F. não permite precipitar aquella interpretação, isto é, concluir que a revisão em andamento constitúa uma flagrante prova da incapacidade dos officiaes brasileiros para escolha, adopção e organização dos nossos regulamentos.

Não faltaram orientadores, bem suspeitos, é verdade, a quererem impôr este ou aquele processo e até a atacarem a constituição das comissões de officiaes brasileiros designados para colaborarem com os franceses.

A revisão, todos o comprehenderam e muitos o disseram, era inevitável, mesmo que nos viesse missão allemã, mesmo que não nos viesse missão alguma; seja como for, apezar de quaesquer obstaculos, resistencias ou pressões, a vitória possível só é uma: a do *partido do TRABALHO*.

O que um raciocínio positivo e imparcial constatará de começo é que se apresentam dois impulsos espontâneos em presença: da parte dos franceses, por comodidade, pela lei do menor esforço, o de nos applicarem os seis regulamentos, quanto possível, taes quaes; da parte dos brasileiros, por identicos motivos, e mais, por pudor, o de conservarem fundamentalmente os regulamentos adoptados, só lhes introduzindo as alterações aperfeiçoadoras dimanadas das lições inconcussas da guerra.

Harmonizar intelligentemente estas duas vontades é a tarefa honesta dos dois partidos conjugados e para a qual, certamente, aos brasileiros não faltará o patriotico criterio de aceitar a palavra cheia de responsabilidade dos mestres experimentados, como a esses mestres não faltará a capacidade de adaptação ás condições especiaes do meio, entre as quaes não é desprezivel o que já se sabe e se faz com a devida correccão.

Si o Sr. General Gamelin, chefe da M. M. F. teve particular cuidado na escolha dos seus auxiliares, conforme oportunamente declarou, de modo identico havia de ter procedido o nosso chefe do E. M. E. Ninguem pretende contestar que, para felicidade nossa, outros officiaes poderia este ter escolhido com igual acerto, mas ninguem pôde desconhecer que especialmente se impunham para as comissões referidas officiaes de estreitas relações com os nossos regulamentos a serem revistos.

O facto de alguns dos membros brasileiros serem indigitados alumnos de uma das escolas a serem dirigidas pela M. M. F. não os diminue; todos os officiaes, excepto apenas os generaes, hão de ser, á sua vez, alumnos da missão, neste ou naquelle posto, numa ou noutra escola, mais hoje, mais amanhã. Não o serão os que não quizerem ou por motivos varios não puderem, mas isso não será título de superioridade.

No uso da facultade que tambem nos assiste, como a toda gente, de divagar sobre a natureza da revisão que se está realisando, seja-nos permittido exarar o que nos parece.

Quanto ás alterações decorrentes dos ensinamentos da Guerra, applicaveis sem rodeios ou delongas ao actual apparelhamento do nosso Exercito, cumprirá introduzil-as nos proprios moldes regulamentares vigentes. Taes alterações, parece, deverão ser adoptadas com absoluto respeito ao traçado de nossos regulamentos; este não é obice aos melhoramentos necessarios, dos quaes devemos ser nós os mais entusiastas em querel-los, obedientes ao sentimento que fez o nosso Governo contractar a M. M. F.

Queremos dizer que na questão de distribuição das materias pelos regulamentos e na coordenação dos assumptos em cada um d'elles, se — sem duvida — a solução que está por nós adoptada não tem o privilégio de ser a unica possivel e certa, tambem nenhuma outra poderá ter a pretenção de tal virtude. Portanto, seria de nossa parte uma versatilidade injustificavel fazermos modificações de traçado infundadas.

Por outro lado a propria M. M. F. não desejará apresentar sob aspecto de novo, de «*vient de paraître*», coisas já existentes, expressamente tratadas em nossos regulamentos; isso só serviria para demonstrar uma intransigencia da parte d'ella,

uma estreiteza de vistos, em completo desaccordo com a sua capacidade.

A conservação alludida, sem embargo dos necessarios melhoramentos, terá ainda, um grande valor moral e imediato alcance pratico — coeficientes que, de certo, não devem ser menospresados.

O valor moral resultará da repercussão que ha de ter no espirito publico, especialmente sobre o da nossa officialidade, à constatação de que se procurava com justiça aproveitar o esforço já feito na acertada estrada do trabalho e de que os moldes vigentes são perfeitamente elasticos, capazes de, sem deformação que os desfigure ou rompa, comportar os retoques aconselhados pelos novos mestres, sejam accrescimos, substituições ou suppressões.

O alcance pratico estará em não provocar um abalo desnecessario na preparação profissional de nossos quadros e de nossa tropa; a evolução confará assim com a maior boa vontade dos obreiros em retocarem a sua obra, disposição de espirito esta bem mais deseável que o dissabor resultante de parecer que vamos começar de novo, deprimidos pela sensação de falta de consciencia e autoridade dos poderes que voluntariamente escolheram o rumo até agora seguido e nelle forçaram os nossos progredimentos.

Quanto aos regulamentos que ainda não possuimos nem em projecto, não soffre duvida que será muito mais facil a tarefa, pois nada obsta que os adoptemos como a M. M. F. nos os apresente, naturalmente tendo levado em conta o sistema dos demais.

A face do problema inquestionavelmente mais séria, é a que diz respeito ao novo apparelhamento de nosso exercito em armamentos, quaes em especie e quantidade actualmente não os possuimos.

Muita coisa há em que a autoridade a palavra da M. M. F. bastará só ella, para aplaíar magicamente difficultades, alar objecções, tranquillizar vacilações, que sem ella se opporiam á conveniente votação do exercito. Em presença dos profissionaes estrangeiros nem todos se venturam a discutir, a ponderar, e é mais commodo, mais distincto, mais inteligente, concordar...

A' primeira vista parecerá aos que mais ardenteiramente sonham com um exercito de verdade, que devemos aceitar de braços abertos tudo que nos fôr suggerido com referencia a armamentos, comtanto que elles venham, de facto.

Avaliada mediante um estudo, o mais completo possível, a feição das guerras possiveis em nosso continente, não ha duvida que todos os sacrificios se impõem, sejam quaes forem os seus limites, pois é a nossa defesa que está em jogo, é o nosso futuro que pesa em uma das conchas da balança, aconselhando as aquisições de um material que embora depositado renderá o incomparavel juro que é a Paz.

Despidos porém de egoismo profissional, precisamos progredir com segurança ao lado das nossas possibilidades financeiras e de tal modo que nos sintamos sempre fortalecidos com os recursos que nos forem iusta e normalmente atribuidos, sem que se pretenda tomar por base a deprimente e perigosa situação em que presentemente nos encontramos.

Da parte da M. M. F. é perfeitamente comprehensivel que ella em tudo que regulamente, tenda a apagar as diferenças existentes entre o nosso apparelhamento bellico e o que a grande guerra gerou, desenvolveu, ou resuscitou. Afaste-se qualquer intenção maliciosa e sem fundamento: os habitos incutidos pela guerra moderna, em que os nossos actuaes mestres manejavam um possante e vultuoso material, trazendo constantemente ao espirito a influencia que sempre

têm os systemas perfeitos, e a já lembrada lei do menor esforço, justificam a nossa objecção.

Seria verdadeiramente ideal que a M. M. F. quizesse primeiramente fazer um trabalho de acclimação, por assim dizer, para só nos trazer os progressos militares que o meio sul-americano contemporaneo reclama e comporta e que após meditação que penetrasse nas ultimas consequencias da adopção dos modernos engenhos, habilitasse o nosso governo a cuidar concomitantemente, no tempo e no espaço, dos graves problemas correlatos para o funcionamento do exercito, segundo as novas idéas.

Isso seria porém da parte d'ella *patriotismo para o Brasil*, que pôde existir por felicidade nossa, mas não figura no contracto e a propria M. M. F. esperará ver praticado pelas autoridades brasileiras.

E' a nós que compete reflectir nas medidas complementares sem as quaes a transformação do nosso exercito, em **organisação e doutrina**, será uma illusão perigosa, criminosa, uma pellicula de armas e de idéas sobre seu emprego, velando a esqualida nudez do «cum quibus»: a **munição**.

A aquisição de armamentos e a «revisão» radical das nossas fabricas de munições, devem acompanhar no tempo a transformação dos regulamentos tacticos, salvo si conseguirmos a inclusão de uma clausula especial no tratado da **LIGA DAS NAÇOES** com estes dois paragraphos:

1.º—A soberania dos mares é da **LIGA DAS NAÇOES**.

2.º—A **LIGA DAS NAÇOES** fornecerá em pesos iguaes, com uma equanimidade néoneutral, as munições para os belligerantes...

O Governo tem pois que escolher resolutamente entre *tres caminhos* a menos que pretenda deixar o curso dos acontecimentos á revelia, tornando-se então cumplice da illusão perigosa.

Para nós a melhor solução será a que

formar um sistema completo, do qual estejamos perfeitamente capacitados, sem o risco de vêrmos faltar em momento critico uma das principaes peças da engrenagem.

### Resolvam os competentes.

A «A Defesa Nacional» cumpria apresentar o problema ás cogitações de todo o exercito, em coherencia com os brados que ha 7 annos vimos registando contra as faltas materiaes que nunca permittiram a nossa educação profissional, o que vale dizer — o cumprimento da nossa missão.

E se os nossos recursos jamais bastaram para a realização das modestas aspirações de outr'ora, pelo menos seria imprudencia (vá lá o euphemismo!) avançarmos de repente demais sem attender aos velhos reclamos, ou melhor, sem a firme resolução de completar a obra.

## Da Província

*Mayda.* — ... «Mais uma vez, hontem, não foi possível se levar a effeito a baldeação das dependencias do quartel desta Bateria, nem ao menos das privadas, por absoluta falta d'agua.» ... As consequencias deste facto não se fizeram esperar, graças ao duplo erro technico verificado na construção do quartel deste Forte, sendo então o commandante forçado a permitir que quasi todas as praças da bateria dormissem ao relento, preferindo assim uma molestia duvidosa a uma epidemia certa, se continuassem a pernoitar em um alojamento infecionado por privadas situadas vis-a-vis, a menos de dois metros, e nas quaes ha absoluta carencia de agua para sua hygiene.

O dilemma que se apresenta, aqui na 1.ª Bateria, é terrivel: ou dormimos no alojamento e então somos cruelmente batidos pela febre typhoide ou pernoitamos ao relento e a gripe não se fará esperar!

Em vista de serem impossiveis ao esforçado commando deste Grupo, neste momento, providencias que solucionem o caso, uma unica se nos apresenta: a mudança provisoria da 1.ª Bateria para o seu antigo quartel, na Fortaleza Velha.

O quartel da Fortaleza Velha comporta perfeitamente o actual efectivo desta unidade, accrescendo ainda mais que além de ser o lugar saluberrimo, abunda a agua, elemento primordial á hygiene. Mais ainda, as privadas deste quartel, nada deixam a desejar, o que absolutamente não se verifica aqui.

Sob o ponto de vista da instrução, sómente haverá lucro com a transferencia para lá, porque a pateo proprio para instrução de infantaria, ha uma bateria de tiro lento para a parte da

instrução de artilharia, ha facilidade para aprendizagem de natação das praças, emfim tudo lá coopera para o preparo da tropa, ao passo que aqui, não existe lugar para a instrução de infantaria e artilharia; sómente a bôa vontade dos subalternos desta unidade, que se têm mostrado de uma força de vontade ferrea, tem conseguido dar estas instruções a mais de dois kilometros do Forte, percurso esse feito todos os dias de instrução, pelos recrutas desta unidade.

O quartel em Jurubatuba é pessimamente ventilado, accrescendo como já disse, a absoluta falta d'agua, que muitas vezes nem chega para lavagem de rosto das praças, torna insuportavel a estadia no alojamento quer de dia ou de noite.

O Forte ainda não nos tendo sido entregue, é mistér que a instrução de artilharia (Schneider 150 m/m) seja dada como nos annos anteriores no Forte Duque de Caxias.

*Cruz Alta.* — ... Esta é felizmente portadora de mais uma bôa noticia: chegou mais um capitão, o que eleva a 5 o total dos apresentados. Faltam só dois, e mais um será desfalcado com o termo da meteorica passagem de um coronel no 6.º R. A.!

Somos ao todo 21 officiaes, inclusive os aspirantes, (um dos quaes está como intendente!) fartura esta de que não havia memoria na província. Iniciou-se a instrução: os pateos e a esplanada do quartel apresentam aspecto verdadeiramente pittoresco e animado nas horas da manhã.

*Bage* — De um illustre official superior do 3.º G. A. C. recebemos uma reclamação, da qual extrahimos o seguinte, que é o essencial: «A Redacção da «Defesa Nacional». Em defesa do 2.º e do 3.º Grupos de Artilharia de Campanha a Cavallo, mal apreciados, em seus exercícios especiaes de tiro, por um dos correspondentes desta revista.

Um dos correspondentes da «Defesa Nacional», na seção «Da Província» escrevendo sobre as manobras de cavallaria, affirma á sua illustrada redacção que «a campanha de tiro ao seu ver foi um completo fracasso». — (Aqui nota o autor, muito bem, que a designação — campanha de tiro — está mal empregada). — Justifica, entretanto, mal esse juizo, pois atribui a responsabilidade do insucesso sómente á autoridade que restringiu o local para o exercicio e ao «auditório que em altas vozes se manifestava pedindo brevidade e criticando». Ora, isso é uma injustiça flagrante.

A verdade é que não houve fracasso. Um dos tiros executados pelo 2.º G. A. C. foi magnifico em seus effeitos observados; o outro, conduzido com maestria, apesar de prejudicado por um dos chefes de pega.

O programma apresentado pelo 3.º Grupo foi elogiado; o tiro com baixas no pessoal, da 1.ª Bateria, o tiro de ensaio de grupo e o tiro á noite foram apreciados com geral agrado. A critica chegou mesmo a dizer «que o grupo estava na mão, que estava bem instruído».

Mesmo que a critica fosse por demais benevolia para a artilharia, tendo sido severa para a cavallaria, não diria tanto se o fracasso fosse completo.

Deve-se, pois concluir que o correspondente a Bagé foi injusto para com seus camaradas.»  
N. da R. — Sobre o mesmo assunto possuímos outras informações, tão fidedignas quanto que teve nossa preferência à publicação no 79. Por exemplo:

Alegre, 15. 12. 19. — ... No dia seguinte efectuou-se o que o programma denominou campanha de tiro de artilharia, trabalhando todas as baterias dos dois grupos nesse *único* dia... O resultado foi desconsolador! Os alvos muito mal collocados e muito afastados dos *proximidades* de objectivos reaes. O campo de tiro foi sempre immutável... As posições de tiro eram descobertas e a ocupação também descoberta e com um moradado tal que, na realidade, não haveria uma nica bateria que pudesse abrir fogo... O accionamento foi muito irregular.

No tiro, em geral, os officiaes mostraramão possuirem a prática da observação, cosa que é mesmo no fogo se aprende, o que não é culpa d'elles, mas evidencia que muito poucos reaes se fazem nos grupos a cavalo... tudo o mais, o tiro simulado poderá nas en-nar... Houve um commandante de bateria que, pesar de ter todos os seus tiros longos, com- andava correções positivas e acabou considerando feito o garfo entre duas alças lon- as... Houve um outro que atirando com grp. sobre uma bateria de escudos, collocado numa oxilha em cujo sopé, já um pouco distante, havia uma restinga, teve todos os tiros cahidos nesse matto e o levantamento da efficacia orneceu-lhe um *esplêndido resultado*...

Vimos capitães não compenetrados das suas incógnitas, confundindo-as lamentavelmente com as e commandantes da linha de fogo. Um annullou por completo o seu *brilhante* tenente, que teve por permanecer de lado, de braços cruzados, como mero espectador.

E' de justica entretanto fazer notar a impressão agradável que deixou o tiro de uma bateria com baixas simuladas do pessoal, tendo os serventes se portado com uma segurança digna de elogio.

Houve um só tiro de ensaio de grupo. Apesar de se achar o commandante a muito pequena distância e collocado na altura do centro do grupo, as comunicações foram feitas com muita regularidade.

Falharam os signaleiros e até o cordão de gacção, o que prova o pouco desenvolvimento do pessoal nesse género de serviço...

Os signaleiros demonstraram uma instrução incompleta.

E a critica!... Santo Deus!...

Apenas o maior de um dos grupos fez o que poderia chamar de critica, a dos outros foi uma calamidade, tal como já se tinha notado o dia anterior com os commandantes da cavallaria.

As Manobras de Cavallaria foram sobremodo teis por se ter pela primeira vez, em taes trabalhos, exercitado o R. S. C., relativamente novo ainda entre nós. Os ensinamentos foram muitos, avultando entre todos o de tornar concretizada essa causa triste, já tantas vezes retida: — **a fronteira do Rio Grande do Sul se encontra completamente des-**

**guarnecida.** Não será uma cavallaria sem cavallos e sem armamento, nem uma artilharia sem material, sem tracção e sem officiaes, que ha de fazer frente a um inimigo com certa organização.

Tenho, entretanto, a impressão de que todos os annos se devem repetir manobras dessa envergadura na fronteira do Rio Grande do Sul, convencido como estou de que providencias hão de ser tomadas pelas nossas altas autoridades, para que dentro em pouco tenhamos as nossas brigadas de cavallaria apparelhadas de todos os elementos e do pessoal necessário para a sua inteira efficiencia. E só então serão elles capazes de arcar com a responsabilidade honrosa de uma tropa de cobertura.

Porto Alegre, ...

Presados camaradas directores d'«A Defesa Nacional». — Saudações.

E' sempre com o maior prazer e interesse que leio a «Defesa», orgão que vêla pelos assumptos que dizem respeito à nossa profissão, com desassombro, independencia e sobretudo justiça.

Justamente por não estar nos moldes daquelas qualidades que ornam a vossa *sympathica* revista, uma notícia sobre munições do 7.º Regimento de Cavallaria Independente, peço venia aos distintos camaradas para dizer a verdade, em resposta ao que vos diz o missivista d'A Província.

Em 22 de Dezembro de 1919 o commandante do então 15.º Regimento de Cavallaria enviou o seu pedido de munições para o *anno de 1920*; deu entrada no quartel general da Região em 29 do mesmo mês; no Serviço de Material Bellico em 2 de Janeiro; em 5 foi despachada a munição para o regimento, seguindo a 16 para Sant'Anna.

Como vêdes houve pressa em attender ao regimento, independente de empenhos ou pedidos particulares.

Desempenhando, presentemente, as funções de Chefe do Serviço de Material Bellico demonstramos que não é verdadeiro o topico que ao Serviço se refere.

Ten. Cel. *Jonathas Borges Fortes*

São Luiz Gonzaga, 11—3—20.

Felizmente, os dirigentes comprehendem a orientação que se deve dar ao preparo dos nossos futuros officiaes e um exemplo eloquentissimo desse facto é o actual regulamento da E. Militar, que leva a esse estabelecimento a missão de preparar officiaes de tropa, isto é, o militarisa. O academicismo, até que enfim, baqueou entre nós.

E o referido regulamento leva o seu espírito regenerador ao seio da propria caserna — a mais sabia das escolas — ao ponto de firmar no art. 153 que ella forma o complemento da preparação do aspirante.

Esse artigo diz: «Todo alumno que terminar o curso especial em que estiver matriculado, fica obrigado a praticar, por dois annos, arregimentado em unidade de sua arma, não podendo durante esse período ser distraído para emprego algum, nem mesmo dentro da propria unidade a que pertencer».

Ahi está uma disposição que a Administração da Guerra podia fazer cumprir em beneficio

os nossos officiaes e especialmente da tropa que não perderia os seus instructores, quando lles se estão formando praticamente, para tal os estudos em serviço de intendencia, pesando baha, conferindo o numero das chicaras, etc...

E é triste que especialmente comosco que temos cumprir nosso dever, estimulados pelo desejo de contribuir para que a tropa daqui progreda e se approxime da da corte, sejamos as victimas, pois é preciso uma força de animo extraordinaria para não descrer diante da facilidade com que, por aqui, um boletim deroga um regulamento.

E como não acreditamos que se escrevesse o art. 153 sem o propósito de colher os fructos do seu acerto, pedimos attenção para elle e uma providencia que evite o arbitrioio afastamento dos novos officiaes das funções que lhes são proprias e onde muito têm que aprender.

Lorena, 20—3—20.

As apparencias enganam! Encoberto pela razão louvabilissima, da necessidade da instrução militar, o Sr. Ministro da Guerra combinou com o da Viação, a dispensa do 4.º B. E. da comissão em que se achava na construção da E. F. Piquete a Itajubá. A verdade, porém, ha de ser outra. Os B. E. estão ainda desprovidos do material indispensavel á sua instrução especial, e, por isso, as suas praças recebem apenas a parte da instrução de infantaria que é commun a essas duas armas. Só o 1.º B. E. faz exceção porque é o unico que tem algum material. Pois bem, aquella parte da instrução de infantaria tem sido ministrada regularmente ás praças do 4.º B. E., sem prejuizo dos serviços de que elle estava encarregado...

Que melhor escola pode haver do que aquella em que se vê, se aprende e se pratica? Que instrução pode haver mais proveitosa para um batalhão de engenharia do que aquella que elle recebe fazendo de facto serviços de engenharia? Pois, será possivel que alguém julgue que as preleções theoricas, que se hão de fazer nos quartéis, tenham mais valor para a instrução pratica das praças do que a execução do serviço que lhes dão os conhecimentos precisos?

Ha de se dizer que o 4.º B. E. não é unidade ferroviaria; sim, não é. Mas é preciso também que se diga que apesar disso, a instrução militar, a pratica dos serviços de campanha que o 4.º B. E. adquire na construção da E. F. Piquete a Itajubá é muito mais proficia do que a que elle terá no quartel, não só porque a construção de uma E. F. é um complexo problema de engenharia, como porque as situações em que elle se achará no campo são reaes e não hypotheticas. Isto é: na construção da Estrada as praças farão serviços de terraplenagem, de telegraphia e telephonia, de construções de edificios e obras de arte, empregarão explosivos, acamparão, bivacarão, lançarão pontes de circumstancias nos reconhecimentos, prévios e definitivos, na construção da estrada, etc., etc. e esses problemas vão aparecendo natural e realmente sem necessidade de creações suppostas.

O interesse da instrução aconselharia que o Sr. Ministro da Guerra conseguisse comissões idênticas para os 2.º e 3.º B. E.; por exemplo, que este partindo de Caxias e aquelle de Rio

Negro, atacassem já a construção da estrada que o Governo sabe tão necessaria. É flagrante a contradicção entre essa providencia e o estado em que se acham os batalhões (inclusive o 1.º B. E.) quanto a officiaes e especialmente o 3.º B. E. quanto o material.

Está velado o verdadeiro motivo da dispensa do 4.º B. E. e talvez se o encontre fóra do M. G. (\*) alguma sonhada concentração de trabalhos ferro-viarios. Brevemente, talvez, seja dispensado por identico motivo o 1.º B. F. V. da estrada de ferro de Cruz-Alta a Porto-Lucena...

(\*) *N. da R.* — Não será porque os nossos officiaes de engenharia precisam primeiro aprender «planimetria, nivelamento, modelado do terreno, e o desenho perspectivo» que se informa não ser conhecido entre nós, apesar de entre outros «A Defeza» ter publicado trabalhos com sua applicação?

## A Educação da Tropa

(Com vistas aos alunos da Escola Militar)

A leitura de um trabalho magnifico de Roger Maurice ditou-me a exposição seguinte, que reflecte as palavras, idéas e observações desse fulgurante escriptor militar. Não fôra a discordancia em que me encontro com alguns dos conceitos emitidos pelo autor, teria preferido fazer a traducção de seu opportunissimo estudo á escolha de alguns dos seus pontos essenciais.

Roger Maurice entende que o exercito franco, utilizando os ensinamentos da grande guerra, não deve retardar a sua reconstrução e procura assim pôr em foco aquillo que lhe parece fundamental á educação da tropa.

Como bases primordiaes á formação do soldado elle apresenta o sentimento de disciplina, o sentimento do dever, o sentimento da honra. Os velhos principios de pedagogia militar permanecem inalteraveis; elles são de todos os tempos e de todos os paizes. A instrução do soldado só tem um objectivo: preparal-o para a guerra. Não ha guerras de conquista nem guerras de defesa; ha simplesmente a guerra; isto é, uma crise terrível, um choque formidavel, no qual milhões de vidas humanas são sacrificadas pelo triunphio de um ideal.

Quando se defronta face a face a morte, os sentimentos e os instintos que empolgam os homens são sempre os mesmos. Para reagir contra as suggestões da animalidade e do medo é insignificante a intervenção do regimen politico. Para affrontar o perigo, para conduzir ao cumprimento do dever o corpo que trem, os sentimentos de ha um seculo são estes mesmos que se torna necessário desenvolver presentemente, pois que só elles conseguem vencer o instinto de conservação. Illudir-se-ia quem julgasse que a accão do homem na peleja resulta da maior ou menor influencia dos discursos patrióticos, retumbantes, vibrantes e incendiarios com que os oradores officiaes procuram falar á alma do soldado. Luta pelo Direito, pela Civilização, pela Justiça, pela Humanidade... devaneios de rhetorica! Não porque os Exercitos não os comprehendam, mas porque as contingencias do momento não os comportam. Os gestos literarios têm a sua oportunidade e effi-

ência na calma dos estacionamentos, ocasião em que o conforto permite ao soldado sentir os om serenidade e reflectir tranquilamente. Nos momentos que precedem o assalto, o soldado não pensa no triunfo da justiça e da democracia sobre quaisquer militarismos e sim que é acha abrigado em uma trincheira e que dentro de breve encontrar-se-á completamente deserto, exposto ao estrugir fulminante das metralhadoras, ao inferno trágico das barragens encadeadas e que são talvez aquelles os últimos instantes de sua vida.

Assevera entretanto Roger Maurice, por experiência própria, que tudo passa uma vez transpostos alguns metros na direcção do inimigo; então não se pensa mais: o corpo está vencido.

O soldado parte afoitamente para o assalto porque elle sabe que é preciso partir, desde que todos o afirmam e desde que todos param. «É preciso ir», porque esta é a ordem do chefe; porque com elle, á sua frente, vai o comandante do pelotão; porque á sua direita e á sua esquerda vão os seus camaradas em combate; porque á sua retaguarda há outros que vão também; porque elle não é nem um pusillanime, nem um traidor; porque em fim, o soldado do seu regimento nunca tremeu ante o cumprimento do dever. Juntem-se a isso a convicção que tudo está bem disposto e que e vai aniquilar o inimigo, confiança na vitória, fé em sua estrela, ódio ao adversário, desejo de acabar, amor ao perigo, atração o desconhecido, esperança de repouso, possibilidade de uma licença e ter-se-á apprehendido o estado de espírito do soldado que ataca.

Para que os homens de ação desafiem a morte, faz-se mistér que elles estejam possuídos de paixões violentas, de hábitos profundos, de reflexões e instintos poderosos.

A disciplina constituindo a força principal dos exercitos, torna-se preciso que todo superior consiga de seus subordinados uma completa obediência em todos os momentos. Firme e paternal, e não brutal e humilhante, ella se impõe e bem comprehendida por todo oficial esclarecido e consciente de seus deveres e de suas responsabilidades. «A atenção benevola do chefe, escreve o Marechal Pétain, é conforme as nobres tradições do exercito francez; não exclue de modo algum a firmeza.»

A disciplina é a obediência ao chefe qualquer que seja o seu gênero e a sua personalidade, porque elle é o chefe; obediência exigida e reflectida, porém completa, imediata, absoluta. O soldado disciplinado obedece á ordem que é expressão da vontade hierárquica; executa-a sem discutir, sem segunda intenção, seja qual for a autoridade de onde ella promana e o que ella afirma.

Ser disciplinado é trabalhar no sentido que deseja o superior, é ir ao encontro da ordem; completar o que esta omittiu; é, por vezes, criar o que nella não existe. Ser disciplinado é sacrificar o interesse particular pelo interesse geral, é comprehender que se faz parte de um grande todo no qual cada um deve executar a sua tarefa, porque o sacrifício individual é imprescindível ao sucesso do conjunto. Ser disciplinado não é ser mudo, passivo e resignado; não é fazer abdicação total de sua vontade e

de sua personalidade e a colocar uma e outra ao serviço da collectividade, confiar-se e fiar-se no que dirige, querer o que elle quer, com toda a energia e executar o que elle comanda com toda a consciencia, toda a coragem, todo o devotamento.

As lições theoricas, os exercícios, as manobras, o ceremonial militar enfim, não bastam para crear o espirito de disciplina onde elle não existe, porém constituem meios poderosos para alimentar ou desenvolver este sentimento em um sentido util ao exercito. São igualmente estes mesmos movimentos, estes mesmos feitos, estas mesmas attitudes que permitem aos profissionais distinguir rapidamente uma tropa disciplinada de uma outra que o seja menos.

Embora tratando superficialmente do assumpto, julgamos todaya incontestavel que certas theorias, apesar de sedutoras são muitas vezes de applicação impossivel ou perigosa: Em matéria de educação militar é preciso acompanhar de perto a realidade e não se illudir sobre os sentimentos dos individuos ou das multidões. Em regra ella se dirige a espiritos simples, de cultivo superficial, ingenuos, promptos ao entusiasmo e ao desfalecimento. Sua educação não comporta explicações transcendentais, incomprehensíveis para elles e fastidiosas para todos. Elles desejam que se seja justo e bom. Os jovens recrutas não querem senão ser conduzidos por um braço firme e docil; aspiram um chefe que tenha habilidade de não pilheriar com elles e sufficiente energia para afastar definitivamente qualquer factor de perturbações e qualquer condutor perigoso.

Os sentimentos de disciplina, do dever e da honra são muito bem comprehendidos pela collectividade, porém lhes é preciso uma manifestação mais sensivel, mais exterior, mais directa. Uma religião que não tivesse nem ministros, nem culto, nem rito não seria popular, activa, diligente; igualmente uma disciplina sem ceremonial, sem insignias de veneração, sem movimentos creando reflexos, não saberia ser collectiva, efficaz e poderosa. Os gestos, as tradições, os ritos da disciplina desenvolvem este sentimento.

É necessário que certos actos se tornem automaticos, que certos movimentos passem ao estado de reflexos, se queremos que a educação militar atinja o fim a que se propõe: a disciplina no campo de batalha.

Alguns espiritos acreditavam que o manejo d'armas, os movimentos chamados de escola de companhia ou batalhão, as formações da parada, eram os ultimos vestigios dos regulamentos régios e os residuos de antigas práticas dos exercitos de profissão, aos quais ainda se prendiam alguns militares rotineiros, incapazes de qualquer iniciativa por se accommodarem estreitamente aos regulamentos. Pretendendo que o atirador que visa rapidamente o inimigo não precisa saber fazer «ombro-armas» para disparar o fusil, parecia que tal movimento devia desaparecer.

Porque na guerra não se evolue senão em columnas de batalhão ou em linha desenvolvida, houve quem considerasse tempo perdido o empregado nas escolas de pelotão, companhia

e batalhão. Supponho que nenhum oficial antes da guerra teve a simplicidade de acreditar que se empregariam no campo de batalha as mesmas formações em ordem unida, então usuais nas revistas ou paradas. O objectivo desses exercícios é constituir a disciplina de fileira, obter e assegurar a disciplina colectiva. Elles transformam a multidão em uma tropa, a turba modifica, impulsiva, impossível de dirigir em uma massa que se move se detém em ordem, conforme uma vontade. Cada um tem seu lugar, um papel a fazer, uma ordem a executar. Os chefes que praticam tais movimentos engendram, pela espontaneidade da execução, o reflexo da disciplina. Pelo prévio adextramento individual, pelo sentimento de ordem, pela imitação, uma ordem breve dá lugar a uma execução immediata; a vontade do chefe arrasta instinctivamente a obediência da tropa. Ahi está porque esses exercícios tão remotos, parecendo tão afastados das realidades do campo de batalha, constituem ao contrário uma directa preparação para a guerra. O soldado que obedece por intuição ao comando «ordinario-marche» no campo de exercícios, cumprirá qualquer ordem no campo de batalha. Habitado no terreno de exercícios a se achar na mesma fileira que seus camaradas elle ahi se conservará quando os seus companheiros se conduzirem sob o fogo, para a frente.

Além disso, junto a todos os sentimentos que o impulsionam no momento da partida para o assalto, sentimentos que se contrariam e se podem neutralizar, esse automatismo pode ser o peso que faz pender a balança, e o supremo argumento que faz o soldado saltar para a frente, com seus camaradas, empós o chefe.

Não ha quem ignore que esses exercícios são muitas vezes pouco atraentes ao soldado porque não raro são tão mal concebidos e tão mal conduzidos, que se tornam enervantes, fastidiosos e acabam por crear o sentimento inverso do espirito de disciplina. Todos nós já vimos um sargento commandar durante meia hora «direita-volver» sucessivos a um pelotão de indivíduos deploráveis que atravessam uns máos quartos de hora.

Aos que ainda duvidassem da efficacia da disciplina de fileira, opporíamos as lições da grande guerra.

Nos momentos críticos é aos movimentos em ordem unida que têm recorrido os chefes energicos, quando percebem que a tropa, sob a accão da fadiga, do medo, ou factores outros deprimentes, lhes escapa.

Em principio de 1916, um corpo de tropa, depois de batido e tendo perdido mais da metade de seu efectivo, acantonou ao amanhecer em uma povoação. Ao meio dia seu commandante recebeu ordem para efectuar um novo ataque. Os homens, que contavam com alguns dias de repouso após um mez de combates incessantes e gloriosos e que já se haviam entregue ao descanso, supreenderam-se com tal ordem. Uma vez postos em forma, os commandantes de companhia fizeram que as suas unidades trabalhassem durante quinze minutos em ordem unida, em seguida o commandante do corpo o fez desfilar em sua frente, — pois nunca unidade alguma pareceu tão bella e tão na mão de seu chefe quanto esta ao deixar o acantonamento,

bateu-se ainda ardorosamente e o descanso só teve lugar dois mezes depois.

Nos ultimos dias de Agosto de 1914, uma brigada recentemente formada, abatida por continuas retiradas, manifestou signaes de desfalcimento. Seu chefe não vacilou; reuniu-a em quadrado, sob os obuses, e manobrou-a como se estivesse no terreno de exercícios; dirigiu a todos um appello supremo, uma admoestação terrível, e a empenhou, nesta mesma tarde, na batalha, portando-se, então, com denodo.

Em 1917, um coronel é informado de que um movimento de indisciplina está prestes a explodir no seu regimento. Prescreveu imediatamente uma marcha durante a qual commandou por espaço de uma hora, movimentos de escola de regimento e reentrou no seu acantonamento ao som de dobrados marciaes. Os espiritos se haviam acalmado, a disciplina e a ordem se tinham restabelecido.

A historia detalhada da Grande Guerra fornecerá centenas desses exemplos, por isso que por centenas se contam os das guerras anteriores. Pode dizer-se que sempre que uma fluctuação e uma hesitação se manifestam na tropa, o chefe resoluto não tem senão um bom meio para fazer sentir sua presença, manifestar sua vontade e assegurar sua autoridade, — é recorrer aos antigos processos de ordem unida, os unicos que lhe permitem retomar toda a sua tropa á mão por um unico gesto, uma ordem unica e reconduzir os irresolutos, os timidos ou os cabeças, ao caminho da disciplina, da honra e do dever.

Sem querer citar nenhuma das numerosas instruções dos diversos commandantes de exercitos, que são unanimes em afirmar a efficacia dos movimentos de escola do pelotão e da companhia para restabelecer a disciplina e a cohesão, constataremos unicamente que quanto mais progredimos na guerra, mais tenderam os regulamentos a estabelecer uma forte disciplina de fileira. A experientia dos combates parecia mostrar, de dia para dia, a sua necessidade cada vez mais imperiosa.

Estabeleceu-se, especialmente para as pequenas unidades, verdadeiros schemas dentro dos quais todos tinham o seu lugar designado, assinalado, prescripto.

Se, de outro lado, se procurava conservar a iniciativa de todos e a flexibilidade do conjunto, não era menos exacto que se chegava a impôr uma formação de combate tão minuciosamente definida qual, por exemplo, a columna do batalhão antes da guerra. Não se trata de discutir se o schema é bom ou mediocre, verificamos sómente, que se fôra conduzido a concluir, pela experientia da grande guerra, que a batalha actual, em virtude da tenuidade das formações que ella impunha, não podia ser dirigida sem a observação rigorosa da disciplina de fileira. O movimento para a frente da infantaria em ligação com a artilharia, factor indispensavel ao successo na tactica moderna, não seria possivel, vantajoso e exequivel senão conservando o conjunto uma certa rigidez, de modo que o chefe, em qualquer escalação em que estivesse collocado, fosse sempre capaz de commandar e de dirigir.

O argumento emfim mais frisante que nos ocorre ao espirito em abono da nossa these, é dado pelo espirito do exercito inglez.

E' de todos conhecido o grão da independência do inglez, o valor que o cidadão britânico dá ao absoluto respeito pela liberdade individual, o desinteresse quasi completo que, antes da guerra, mostrava pelos movimentos de conjunto e paradas militares.

Entretanto, basta passar hoje algumas horas em uma região ocupada pelo seu exército para se conhecer a sua perfeita disciplina. As longas filas de caminhões, que transportam viveres e munições, vencem as estradas obedecendo a uma rigorosa disciplina de marcha; as parelhas bem limpas, brunitas, reluzentes desfilam em uma inalterável ordem; seus homens, segundo para o acantonamento ou para o cumprimento de qualquer missão, o fazem em ordem, sem negligencia. E' que o exército inglez comprehendeu depressa que a mais severa disciplina é a condição, *sine qua non*, de toda organização que se destina à victoria, e que, para obtê-la rapidamente, era indispensável submeter os seus homens e os seus quadros a uma passividade colectiva de todos os momentos. Todos sentiram a sua necessidade e admiraram os seus resultados. Seu espírito emprehensor sujeitou-se, de bom grado, às exigências das circunstâncias, fazendo abstracção das tradições seculares e dos antigos hábitos.

Diga-se porém, de passagem, afim de que se não tirem do exemplo britânico conclusões que seriam completamente falsas, se a Inglaterra organizou um admirável exército que contribuiu poderosamente para a victoria dos aliados, é porque ela já possuia a disciplina colectiva. A multidão ingleza é disciplinada; ama o asscio e a ordem. São porém os sports, acima de tudo, que têm disciplinado o povo britânico. Os jogadores de «foot-ball» reconheceram de longa data que o elemento principal da superioridade das equipes inglezas era a sua constante e perfeita disciplina do jogo. E assim é nos demais spets praticados fervorosamente por todos os inglezes.

O espírito da disciplina se manifesta diariamente por formulas, gestos ou attitudes que se podem groupar sob a denominação de signaes exteriores de respeito. Seu emprego diario diminui o valor educativo, porém isso accentua a sua imperiosa necessidade.

A questão do tratamento é secundaria. Ao soldado pouco importa isso.

Ha, além disso, a saudação militar por meio da qual o militar manifesta o seu respeito e a sua atenção em presença do superior, testemunhando assim sua solicitude affectuosa... e sua polidez.

Creio que não existe nenhum general, nenhum commandante de corpo que, durante a grande guerra, em varios recontros, não tenha tido necessidade de lembrar a obrigação que todos têm de se saudarem.

Hoí mesmo precisa intervenção energica e uma circular do Ministro da Guerra autorizar os officiaes a reconherem imediatamente aos seus corpos os licenciados que «esquecessem» ostensivamente de cumprimentar seus superiores. O soldado franzéz só com esforço faz a saudação. E' essa uma deplorável constatação no povo mais polido do mundo, reputação que tende aliás a desaparecer em certos meios,

mesmo de bem educados. Não é emium mal da gentinha de todos os grãos e de todas as situações em que a aptidão e a importâcia estão acima das leis da polidez e das regras de disciplina, — pois ha muitos officiaes jovens que negligenciam em serem saudados e sobretudo de saudarem seus superiores ou seus eguaes.

Quem não saúda é indisciplinado. Seja por «espírito», por basofia, por estupidez ou por descortesia, aquelle que não cumprimenta falta a um dos soberanos deveres da disciplina militar.

Saudar, é executar uma ordem; é dizer ao desconhecido que se saúda: inclino-me ante vós o superior, o exército e a lei. E o superior que recebe e retribue a continencia, exprime por sua vez o respeito ao uniforme e sua sym-pathia por seus subordinados.

Os militares exercitados não se enganam: o modo como os homens de um corpo de tropa fazem a saudação lhes dá imediatamente uma idéa do espírito de disciplina que ali existe.

As *attitudes militares* desenvolvem e confirmam a disciplina individual e a disciplina colectiva. Repetimol-o ainda, visto ser usual esquecer-o em todos os discursos sobre educação militar e es a se dirigir à alma simples, facilmente accessíveis às impressões da força, do respeito, para os quaes a maneira como um sentimento se manifesta tem mais importâcia que o seu próprio valor. Antes que o espírito de cada um dos homens procure investigar o motivo porque deve obedecer ao tenente, — assim elle procede de ha muito tempo. Aprendeu, desde a sua entrada na caserna, que o tenente deve ser um cidadão forte e distinto, desde que todos o cumprimentam, a sentinelha lhe apresenta armas e quem delle se approxima para lhe falar é com respeito e perfilado. Todos os raciocínios não prevalecerão contra isso. Suprime brutalmente as attitudes de respeito e de golpe a indisciplina nascerá e se propagará rapidamente.

A lição da guerra é evidente: as tropas que se batem bem são as que manobram bem. Apelamos para os que tiveram oportunidade de julgar e que se queiram pronunciar sem espírito de partido, com independencia. Todos dirão que as boas tropas no fogo são as que saudam bem, marcham bem e manobram bem.

Convém, desde agora, proclamar esta lição da guerra. Por algumas dezenas de annos assistiremos ao desabrochamento de toda uma literatura de guerra que, infallivelmente, não será sempre muito verídica. Os historicos dos corpos de tropa deixarão em silêncio as fraquezas momentâneas, ou as disfarçarão habilmente. E' a partir de agora que se não deve hesitar em dispôr as lições dos factos, agora que podemos erguer a fronte, agora que as nossas bandeiras, — sem excepção, — cobertas de glória nos autorisam a falar com franqueza e lealdade. A vitalidade e disciplina militares francesas estão suficientemente afirmadas para que se possa confessar os erros e falar dos desfalcamentos. O exército cumpriu a sua missão magnifica; é preciso que saiba aproveitar os ensinamentos da guerra. Não se trata de classificar as armas, os corpos de tropa, etc. Declaramos simplesmente, collocando-nos num ponto de vista mais elevado que, durante toda a guerra, as tropas que se bateram com maior impetuositade,

e heroísmo foram as que saudavam corrente; as que tinham a garridice de seus nes, de seus acantonamentos e mesmo de rincheiras; as que desfilavam bem, que davam em ordem nas estradas, que trabalhavam sem descanso, que manobravam de modoável numa infatigável dedicação ao cumulo do dever; foram, em uma palavra, as disciplinadas.

e os regimentos da activa, foi justamente que faltava uma rija disciplina colectiva, aos citaram o trabalho que se tornou necessário as exigências especiais no sentido de arrastar cumprimento do dever. Quanto aos da, argumentou-se com a nenhuma instrução profissional dos quadros. Todavia, a nosso ver não basta: a prova está em que a maior dos regimentos da reserva bateram-se admiravelmente, melhorando á medida que o tempo a.

os a rapidez da mobilização e concentração dos quadros julgaram impossível retomar a multidão de mobilizados e transformá-la numa tropa disciplinada. Taes quadros acrecentaram que bastaria entoar estrofes patrióticas ir ao Rheno e julgavam que um magnífico entusiasmo os conduziria, sem nenhum auxílio, pelo caminho do triunfo. E esses os mesmos quadros que não davam plena de fileira, a que se adquire pelos entos, attitudes e ritos de cada dia, a plena capital que devia ter.

aviam que o seu exemplo bastaria, após a bição, algo ridícula, de sua boa vontade e laivos de incontida paternidade. E cíos os primeiros obuzes, aos claros abertos quadros, sua tropa cedia terreno; seus homens retiravam em desordem, ás vezes sem arrebatadas calcando os habitantes aos quais de pavor. A's perguntas que lhes não tinham senão uma resposta que im justificavam: «Perdemos todos os nos efeitos; não era possível continuar a re-

o tropa verdadeiramente instruída e disciplinada-se mesmo depois de haver perdido os seus officiaes; bate-se ainda quando possue mais chefes, pois que ha sempre um chefe valoroso para assumir o comando deir o dever; bate-se emfim até o ultimo, porque quando não existem mais guarda-ressa a ordem, a ordem imperiosa, e do chefe.

s se recuperam na iminência do perigo o Marne. Desapareceram as nossas tropas do começo da guerra; salvam-se os nossos corpos de elite, a nos sorria. O sacrifício da flor da juventude, da elite, da nossa mocidade, do nosso exercito, de nossos admiráveis homens não foi em vão. A aventura acabara de levar a um desastre, fôra cara a lição, devia aproveitar a todo o exercito. Com deu-se desde logo que a guerra que era a fazer não se contentava com proclamações inflamadas e comparações audaciosas, e mistériosamente alimentar o sopro patriótico e guerreiro que a vitória vinha reavivar, a continuar a luta e fazer aceitar o sacrifício, era preciso aproveitar as maravilhosas qualidades do soldado francez para esta e exigir uma disciplina absoluta, condi-

ção indispensável ao triumpho. Foi nos meios e processos cujo valor educativo temos rapidamente exposto que os chefes e os quadros subalternos encontraram os indispensáveis recursos. A disciplina estabeleceu-se, disciplina franceza, energica e persuasiva. Muitos também dentre nós surprehenderam-se de lér nos jornais mais devotados ao exercito, artigos pedindo que os períodos de descanso fossem consagrados a repouso absoluto. A tropa devia continuar nos acantonamentos e nada fazer, mesmo que fosse uma hora diaria de exercicio. Era esquecer que a ociosidade é má conselheira como ainda dar mostras de absoluta ignorância dos meios efficazes á manutenção da disciplina; tanto é isto verdade quanto se pode ser um grande escritor, ter uma solicitude extremada pelo exercito e pedir a adopção de medidas que acarretariam a ruina da disciplina.

A disciplina soffreu na primavera de 1917, uma crise terrível. O soldado francez a quem se fizera entrever a vitória proxima, desiludira-se. Pessimista e agitado, se deixou seduzir por criminosas solicitações. Murmuraram-se em certos corpos de tropa infamantes aleivosias sobre officiaes e graduados. Fizeram crer a certos espíritos que, se o soldado se libertasse desses aproveitadores da guerra, o deixariam arrogantemente matar para melhor aproveitar, aceleraria sem dúvida, a conclusão de uma paz sem vitória.

Sabe-se o resto. Será este o eterno mérito do Marechal Pétain de ter rápida e integralmente restabelecido a disciplina no momento em que mais do que nunca ella se fazia indispensável. Não ignoravam os soldados francezes que elle consubstanciava o chefe ávaro de seu sangue, inimigo das tentativas custosas e pouco produtivas, parecia-lhes com justa razão, que tinham em Pétain um defensor. Repetiam-se os princípios tão sabios e diversas vezes confirmados pela experiência da guerra, e todos sabiam «que elle não usava atavios». Algumas acções demoradamente preparadas e bem conduzidas trouxeram a confiança, as recompensas foram largamente distribuídas e as concessões justificáveis foram oportunamente attendidas. Sem reclame, sem popularidade brillante, não obstante o seu acesso frio e severo, o Marechal Pétain tornou-se o chefe amado do homem da caserna.

Não tolerando nenhuma negligéncia, evitando toda fadiga inútil, a disciplina franceza, sólida e benevolente devia conduzir-nos a dias gloriosos.

Estas linhas são uma synthese do pensamento de Roger Maurice. Procurei transplantar para elles, com o objectivo de ser útil ao jovem exercito nacional, aquillo que se poderia chamar a medulla, a espinha dorsal do brillante trabalho do escritor militar francez. E' muito certo, e constatamol-o com justificado orgulho, os motivos ahi discutidos, como ensinamentos da grande guerra, vivem na letra e no espírito dos nossos regulamentos.

Surprehendente é, e dizemol-o com satisfação, a constatação de que as asserções do articulista gaulez já de longos annos constituiam o centro vital na educação militar da Alemanha gloriosa e talvez imperfetivel.

Assim é que Von Wedel em o seu «Comman-

de Companhia», publicado em 1911, afirma: «ao mesmo tempo que os exercícios de combate fizeram-se os de parada, os quais pela sua importância que têm para a disciplina se devem executar com a maior precisão. Segundo a opinião do autor, as formas prescriptas devem ser ministradas com o máximo rigor de execução, como meio indispensável de assegurar e garantir a disciplina.

Von der Goltz, — o mestre dos grandes exercícios, — afirma com uma clareza meridiana: «A exigência de um bom manejo e de uma elevada marcha de parada são necessárias à disciplina de combate da tropa». Afirmamos que tudo isso já é muito claro para os inimigos da ordem unida se apercebendo do erro em que persistem, sustentam o passo de marcha com que se lançam à sua destruição...

1º Tenente *De Mores*.

## 9 serviço de um anno

Com título idêntico, publiquei em uma das nossas revistas militares um artigo sobre este momento assunto, em Abril do ano último.

Embrava naquela ocasião que, para interromper o serviço de um anno, seria necessário fazer a desincorporação em turmas, de maneira a fazer desaparecer a perigosa crise de efectivos no começo do anno, em que as unidades ficam sem valor combativo.

O sorteio deveria ser feito em Setembro para incorporação em 1 de Dezembro, de modo que em Agosto seriam realizadas grandes manobras, constituindo a data de 7 de Setembro (\*), a revista final feita pelo chefe de Estado, à tropa completamente instruída. Feita a incorporação, pois, a 1 de Dezembro, a 1 de Setembro far-se-ia um segundo sorteio dentro de cada corpo, entre os incorporados, com exclusão dos sorteados que eram analfabetos no momento da incorporação, para sortear 50% do efectivo, que teria baixa a 8 de Setembro solemnemente, ficando os restantes 50% obrigados a servir durante 17 meses, portanto a 1 de Maio do anno seguinte, época em que os novos incorporados teriam passado a prompts da escola de recrutas. Vê-se que esta medida é exequível sem aumento de despesa, pois, a economia resultante da baixa de metade dos incorporados no nono mês, sommada à vantagem da não incorporação de todos

(\*) N. da R. — Também ficará bem realizar manobras em seguida à grande parada de 7 de Setembro.

os homens no mesmo dia, daria para manter a outra metade durante 5 meses.

A leitura da obra do general Maitrot «Le Nouvel Etat Militaire de la France», sugeriu-me outra solução, parece-me que já adoptada na França. O nosso Exército seria composto, além do seu quadro de oficiais, de sorteados de um anno e voluntários de cinco annos substituídos anualmente à razão de 1/5. Para obtermos estes voluntários que só seriam aceitos, sendo de comprovada boa educação, sabendo ler e escrever e com trinta annos no máximo de idade, ofereceríamos nos 3 primeiros annos, soldo e gratificação de soldado, no quarto e quinto soldo e gratificação de anspeçada, sendo-lhes entregue ao terminar a praça, um prémio de 1.000\$000, correspondente a uma economia anual de 300\$000, que nenhum dos nossos operários consegue fazer. Além destes favores poderíamos desarranjar os sempre que elas solicitasse este favor (muito apreciado pelos soldados) ficando porém o comandante da unidade com a prerrogativa de arranjar os casos de mobilização, manobra, exercícios prolongados fora dos quartéis, promptidões e serviços de guarnição externa. Estou certo que com estes favores obteríamos voluntários.

Tomando por base os quadros do efectivo de instrução do exército para 1919, considerando organizadas todas as unidades, inclusive os 3ºs batalhões de todos os regimentos e as ambulâncias divisionárias, considerando porém os batalhões a 3 companhias, cheguei a um efectivo em praças de 51.485, sem contar com os alunos das escolas militares e sargentos amanuenses. Deste efectivo, 12.159 são sargentos, artífices em geral e empregados e 39.326 são cabos, anspeçadas, soldados e soldados condutores; o primeiro grupo seria composto de voluntários de 5 annos e o segundo de 1/3 de voluntários de 5 annos e 2/3 de sorteados de um anno. Teríamos o exército formado de 25.267 voluntários de 5 annos e 26.218 sorteados de 1 anno. Devendo fazer-se a substituição dos voluntários à razão de 1/5 anualmente, o exército incorporaria 26.218 sorteados e 5.053 voluntários, ou um total de 31.271 homens. Dos 25.267 voluntários apenas 10.540 receberiam soldo e gratificação de soldado, pois que os restantes seriam sargentos, artífices em geral e empregados.

gentos, cabos e anspeçadas, sendo necessários 758:880\$000 annuas para o pagamento da gratificação. Sendo a substituição dos voluntários annualmente à razão de 1/5, teria o orçamento de ser acrescido da importânciâ de premios em um total de 7.579:500\$000. O voluntário de 5 annos galgando os postos de sargentos poderia engajar-se até completar 35 annos de edade e neste caso ao terminar a sua primeira praça, receberia mediante pedido seu, até 500\$000 de premio, sendo o resânte depositado numa caderneta da caixa económica, que ficaria recolhida na secretaria do corpo, até exclusão do proprietário, das fileiras do exercito activo.

Outros problemas que devemos encarar são o da educação militar de toda a classe incorporável, o das isenções em tempo de paz e o da edade para incorporação. Aos 21 annos muitos dos nossos patrícios já constituíram família; conheço pessoalmente dois casos de sorteados para este anno, um com 22 annos completados no anno passado e outro com 23 completados empregados em uma empreza particular em Janeiro ultimo, com dois e tres filhos, que os licenciou sem vencimentos, ficando suas famílias sem recursos. O sorteio deve-ria ser feito na classe de 19 annos e todos os casados deveriam ficar isentos do ser- viço na paz. Para conseguirmos educar toda a classe sorteável o alvitre que se me apresenta é chamal-a toda, incorpo-rando ao exercito os que fossem sorteados e matriculando obrigatoriamente nas so-ciedades de tiro o restante, sendo incor-porados ao exercito no anno seguinte aquelles que não conseguissem tirar as suas cadernetas de reservistas. No periodo de manobras, porém, seriam todos incor-porados por 15 dias para tomar parte nellas, assim de melhor completarem a sua aprendizagem.

Março de 1920.

Capitão Castro Ayres

## A Bahia e o serviço militar

A perturbação da ordem interna no Estado da Bahia veio encontrar o Exercito, talvez calculadamente, num estado de crise, como elle inevitavelmente com o sys-tema do exercito nacional terá que atra-vessar nas occasiões da renovação do pessoal.

Mais uma vez, levado por essa circum- stânciâ, teve o Governo que appellar para

o anarchico sistema da subscricção: com- pletar o efectivo de alguns corpos á custa de muitos outros.

Em ultima analyse pôde-se considerar que o problema do momento foi bem resolvido. Contanto, porém, que assim se tendo feito vista grossa ante innumerâs deficiencias e vícios que ainda se reve- laram, as autoridades todas aproveitem o lembrete que o caso representa e ponham devéras as mãos á obra para corrigir.

Queremos nesta rapida nota apenas fazer ressaltar um detalhe, relativo á duração do serviço militar. De um lado é muito de admirar não tenha havido uma grita triumphal contra o serviço de um anno, como sendo causador da dificul-dade que o Governo teve em achar um corpo de tropa em condições de ser empre-gado, sem arranjos de ultima hora no pes-soal. Talvez seja porque os irreductiveis adversarios do «um anno» já se pejem de fingir ignorar que o serviço de um anno não significa a renovação annua total das praças simples: implica a retenção de um certo numero d'ellas por mais de um anno, pelo menos até o fim do período de recrutas.

O serviço de dois annos também não evitaria a crise do periodo de recrutas, pois igualmente ahi a metade das praças simples são novas nessa phase.

De outro lado temos o prazer de infor-mar que as mais altas autoridades mili-tares cogitam de uma solução para esse problema — de haver durante todo o anno força «prompta». — Além de innu-meras vantagens para o anno de instrucção, essa solução permitte conservar a duração geral de um anno. E' bem um ovo de Colombo: dividir o paiz em duas zonas de incorpo-ração, fazendo-se esta numa d'ellas em uma data, na outra zona em outra data. Assim não haverá uma época em que em todo o paiz toda a tropa esteja no periodo de recrutas. Em caso de neces-sidade de empregar a tropa na manuten-ção da ordem interna, e que não convenha appellar para o supremo remedio da mo-bilisâo, bastará recorrer ao transporte de unidades promptas de uma zona para outra. Isto mesmo só será necessario em casos graves. Pois as unidades mesmo que se achem na phase de recrutas hão de ter um «saldo» ou «fundo» de praças anti-gas: todo o seu quadro de graduados, e

doze ou dezesseis praças simples por companhia, esquadrão ou bateria.

E já que se está com a mão na massa é muito provável que se aproveite para concertar todo o anno de instrução — desde a data da incorporação, portanto — de modo a corrigir as nossas épocas de manobras: Setembro no Rio e Norte, Março no Sul.

## O terreno e o commando das tropas

De um livro do coronel von Hagen, traduzido pelo capitão J. E. Pfeil.

(Continuação)

### Descrição da secção de terreno entre os arroios Kanner e Bibisch

A impressão que o oficial obtém do terreno deve traduzir-se sob forma de descrição, para que se possa bem salientar a diferença existente entre esta e o relatório a apresentar mais tarde.

A secção ou corte de terreno interacente aos arroios Kanner e Bibisch — estes seriam pelo contrário designados como linhas no terreno — é uma lombada, de 4 km. de largura, que se dirige de S. para N.

Sua crista assinalada pelos cumes 255, 262, 251, etc., acha-se afastada em média 1 km. do arroio Kanner, para o qual se inclina rápida e convexa, ao passo que o pendor occidental, largo, suave e uniformemente inclinado para o Bibisch, só toma a forma convexa nas proximidades d'este.

A altura 252 é no panorama a maior elevação e por isso de grande significação como observatorio.

Ao passo que a encosta de leste é em sua quasi totalidade coberta de matto, a de oeste até Diesdorf é completamente descoberta e unida.

Diesdorf constitue, por assim dizer, uma cabeça sobre a ponte do Bibisch e forma, juntamente com a estrada de ferro Diedenhofen-Teterchen a qual limita a dilatada orla occidental da aldeia, uma linha extraordinariamente forte em consequência de disposições especiais ali reunidas.

Ela é flanqueada ao N. pelo bosque Ueberbibisch, situado a 1 km., e ao S. pela aldeia Metzerwiese distante 1,5 km.

O terreno de acesso do inimigo ao oeste do arroio Bibisch é o ultimo e mais

baixo escalão da descida para a Mosela, desde o divisor das águas entre este rio e o Saar.

O movimento de grandes massas, através do terreno, varias vezes cortado pelas mattas, fica limitado á estrada, até que o terreno mais livre situado contra o arroio Bibisch e ao sul da grande estrada permitte um avanço de frente mais extensa, e um desenvolvimento de algum modo coberto pelas pequenas alturas Stückingen-Walsdorf.

*Reconhecimento detalhado, comparação das posições e decisão.*

A imagem plástica que o oficial obteve por estas cogitações lhe mostra claramente que á defensiva pretendida se offerecem duas posições:

- 1.ª Na altura 262.
- 2.ª Em Diesdorf.

A escolha da posição exige uma cuidadosa comparação das conveniências do terreno com as varias exigências do fim tático que se tem em vista, a defesa tenaz.

Por mais escasso que seja o tempo, a importancia da decisão exige que o oficial reconheça a posição em Diesdorf. Elle cavalga rapidamente para a estação ferrea de Diesdorf seguindo a cumida que fica ao N. da estrada, observando ao mesmo tempo o terreno situado ao N. da aldeia e tambem sua orla septentrional, recordando as condições táticas na ordem em que se acham expressas em A.

D'ahi resulta a seguinte:

### Descrição da posição em Diesdorf

A frente da posição em Diesdorf tem mais ou menos a cota 200. A aldeia se estende na direcção O-L e está situada em um valle que vem da altura 262. A posição não é pois dominante.

O adversario pôde realizar sua aproximação, a coberto, até 2.000 m. e sómente na saída do bosque Stückingen-Walsdorf se expõe elle ás vistas e ao fogo do defensor.

O campo de tiro não é ainda então livre em absoluto, porém o suficiente para permitir que só um adversario de grande superioridade numérica possa realizar com exito um ataque de frente.

O arroio Bibisch obriga as armas montadas — a julgar pela carta — a se utilizarem das pontes existentes; não é, porém, um obstáculo para a infantaria em ordem aberta.

Os flancos não encontram apoio no terreno nem tão pouco oferecem campo de tiro livre, o que é tanto mais perigoso, quanto a posição, como já se salientou, está particularmente ameaçada do lado do N. pelo flanqueamento do bosque Ueberbabisch.

A extensão da posição desde a estação ferroviária até ao sul do cemiterio corresponde ao efectivo do destacamento.

A via ferrea, ora em aterro, ora em corte, a aldeia de Diesdorf com sua frente mais forte ao O. e com seus castelos apropriados á constituição de reductos, tornam a frente da posição por si mesmo muito apropriada a uma defesa tenaz.

Deve-se, porém, tomar em consideração que por sua situação, as linhas e pontos de defesa da posição, facilmente reconhecíveis, oferecem alvos favoraveis á artilharia adversaria. Esta circunstância é tanto mais ponderável que, enquanto a infantaria da defesa encontra posição coberta e efficaz, sua artilharia tem apenas a escolher entre aceitar uma luta desigual na descida descoberta ou ficar recuada até a crista, para entrar efficazmente na luta só depois que a infantaria tiver evadido Diesdorf.

A essas fortes desvantagens accresce ainda que os terrenos de acesso e retirada estão expostos á illimitada observação e ao mais efficaz, mesmo anniquilador, fogo inimigo.

Depois de haver contornado Diesdorf pelo sul regressa o official para a altura 262.

#### *Descrição da posição na altura 262.*

A posição não tem diante da frente nem nos flancos um obstáculo ou apoio como é necessário para uma defesa tenaz.

Faltam na posição uma linha de cobertura para a primeira linha de combate da infantaria e coberturas do terreno utilissaveis como pontos de apoio e reductos.

O terreno á retaguarda, pela sua forte inclinação, restringe o movimento de retirada da artilharia á estrada para Inglingen e á ponte unica sobre o arroio Kanner.

Finalmente ha o inconveniente da linha de retirada a Leste do arroio Kanner formar angulo agudo com a frente de combate, pois assim o flanco esquerdo fica ameaçado desde o começo.

Em compensação ha as seguintes vantagens:

A posição na cota 262 domina o terreno

em frente de modo que a defesa descobre as medidas do inimigo até Stückingen — portanto até 4 km. — completamente e d'ahi em diante, em parte.

O campo de tiro é o mais favorável para a artilharia a cuja observação o inimigo só se pode furtar no pequeno trecho entre o arroio Bibisch e a base da encosta.

O campo de tiro da infantaria é completamente livre na frente e tambem suficiente nos flancos, enquanto o inimigo não execute movimento contornante muito afastado. Contra este seria então empregado o arvoredo, que circunda a altura em semicírculo (1:25.000 Mosenacker e Commes-Busch).

A posição não está limitada pelo terreno. Por isso o commando terá de evitar uma extensão frontal contraria ao objectivo da defesa.

A artilharia encontra na altura 262 e de um e outro lado da grande estrada posição coberta e dominante; a infantaria avançada até a descida, tem campo de tiro efficaz. Como a infantaria não dispõe ahi de coberturas naturaes, ha necessidade de trincheiras. O official encarregado do reconhecimento deve, por isso, determinar a natureza do solo.

A praticabilidade na posição é suficiente. A descida para o arroio Kanner permite disposição e movimento cobertos das forças de reserva e ainda, tirando partido dos arvoredos, escôramento coberto.

A aldeia de Inglingen constitue para o desfiladeiro do arroio Kanner uma cabeça de ponte natural. Sua situação de difficil acesso, seus predios solidos e seu castello — especialmente apropriado para reducto — elevam a capacidade da defesa.

Assim o terreno á retaguarda favorece uma retirada escalonada e mesmo uma resistencia tenaz e renovada por parte da infantaria.

Finalmente Schaf-Busch oferece um acolhimento vantajoso. O arroio Kanner, cujos detalhes não resaltam da caria, necessita de um reconhecimento mais exacto.

Examinadas d'este modo as duas posições chega o official á conclusão de que nenhuma d'ellas satisfaz a todas as condições.

Seria um erro fundamental se o official quizesse d'ahi concluir: «Não existe

nenhuma posição para o destacamento entre os arroios Kanner e Bibisch.

As declarações, ainda hoje não raramente feitas, de que «não existe posição» ou de que «isto não é posição» devem ser evitadas e impiedosamente repellidas quando appareçam. Ellas vão de encontro ao principio fundamental, estabelecido na introdução, de que «o terreno se acha ao serviço do commando» e conduzem á inversão de pôr «o commando ao serviço do terreno».

Onde quer que o chefe precise ou queira bater-se ahi está uma posição e ahi deve o terreno ser aceito e utilizado do modo mais favorável á situação tactica.

Nenhum terreno satisfará a todas as condições estabelecidas abstractamente por um commando pedantesco.

O chefe que quizesse exprobar ao official encarregado do reconhecimento o facto da posição não satisfazer a taes e taes condições, commetteria o mesmo erro que o official que quizesse regressar com a participação: «Não ha posição».

No caso vertente examinou, pois o official duas posições.

Ainda lhe sobram alguns minutos para decidir e compôr sua participação.

Elle examina os pontos principaes como se segue:

A posição em Diesdorf tem na frente um obstáculo relativo — o arroio Bibisch — permite á infantaria um alcance suficiente e ocupação coberta, corresponde em extensão á força do destacamento e proporciona, por suas fortes construções especialmente pelos castelos apropriados á constituição de reductos, uma defesa tenaz da localidade; tem porém as seguintes decisivas desvantagens:

A posição não domina o avanço, nem a approximação e o desenvolvimento do inimigo, offerece, porém, á sua artilharia e infantaria o mais favorável alvo. A decisiva coparticipação da artilharia e a accão isolada das duas armas principaes da defesa estão excluidas.

O flanco direito está fortemente ameaçado e o terreno á retaguarda expõe a retirada ao anniquillamento.

Ante taes desvantagens o official deixa de lado tal posição e prefere a da cota 262. Elle não desconhece os inconvenientes d'essa posição: frente e flancos sem obstáculo ou apoio; falta de limites lateraes, de cobertura e pontos de apoio no

interior; dificuldades á marcha de retaguarda da artilharia oppostas pelo terreno ingreme á retaguarda e pelo desfiladeiro do arroio Kanner e, finalmente, linha de retirada não normal á frente.

Entretanto apresenta vantagens decisivas: situação dominante, campo de tiro illimitado, posições cobertas para artilharia e reservas, circumstancias favoraveis á retirada e acolhimento da infantaria.

Assim não resta duvida para o official de que elle se deve decidir por esta posição e elaborar seu relatorio nesse sentido.

Depois do relatorio redigiremos também o resultado do reconhecimento sob a forma de participação ou parte.

## RELATORIO E PARTE

Cota 262 a O. de Inglingen, 8/4/20 ás 9h

### Relatorio.

1.º — A posição não apresenta limites lateraes; ella domina o terreno que desce para a Mosella, tem vistas sobre a approximação e o desdobramento do inimigo, e, num raio de 4 Km., sobre seus movimentos de desenvolvimento.

2.º — A encosta Oeste, de declive uniforme e livre até ás coberturas de Diesdorf, constitue um campo de tiro illimitado para a artilharia em posição elevação 262 e a cavalleiro da grande estrada Inglingen-Diesdorf, como para a infantaria convenientemente avançada.

O mesmo sucede em relação aos flancos até que o inimigo, por um largo movimento envolvente, alcance no direito a floresta de Walmedorf, ou o matto situado no esquerdo.

Esse movimento envolvente pôde ser efficazmente contrariado do matto que em semicírculo abraça a altura (1:25.000 M. senacker e Commes-Busch).

A natureza do solo permite que a infantaria se intrincheire no mais curto tempo (suposição).

3.º — O terreno á retaguarda desenrola as forças de reserva ás vistas do inimigo sobre seu livre movimento, favorece a retirada e permite que a infantaria realize uma defesa passo a passo, a que na forte aldeia Inglingen pôde ser elevada á maxima resistencia.

A retirada da artilharia fica adstricta á grande estrada e á ponte do Kanner a Inglingen. Deve-se tambem levar em conta que a linha de retirada Inglingen-Monren (9 km. a leste de Inglingen) faz angulo

udo com a ala esquerda da frente combate.

4.º — A retirada de Inglingen encontra orla occidental de Schaf-Busch acomento apropriado, a artilharia acha va posição ao sul da estrada Inglingen-Dillingen (3,5 km. a leste de Inglingen).

*Conclusão* — A posição apoia assim a execução da defesa planejada pelo destamento em tão elevado grão que o mesmo de contar com sucesso até contra cas numericamente superiores.

*r. de T.*

*1º Tte.*

(tropa a que pertence)

*Parte*

66 raramente haverá nos reconhecimentos tempo disponível para um relatório; assim substituilo-a uma parte, com impregno do impresso regulamentar.

A parte teria no caso em questão a seguinte composição:

*Ao Coronel A.*

*Parte* relativa á posição na altura 262 oeste de Inglingen.

A posição na altura 262, de um e outro lado de estrada Inglingen-Diedsorf domina a marcha de approximação e o desenvolvimento do inimigo; oferece á artilharia o que pôde realizar ocupação coberta da posição e á respectiva infantaria avançada a qual se pôde entrincheirar em tempo muito com as pás — um campo de ataque illimitado: a posição oferece ainda, isolado o matto que a abraça em semicírculo, defesa contra tentativas de envolvimento.

Merce atenção o angulo agudo que a ala esquerda da posição forma com a direcção da linha de retirada para Monchen.

A encosta á retaguarda cobre situação movimento das reservas, permite desocupação coberta, retirada passo a passo eternizada tenaz da defesa por parte infantaria na forte povoação Inglingen. A artilharia em sua desocupação fica sujeita á grande estrada e á ponte sobre o río Aanner em Inglingen.

A orla do pequeno bosque de Schaf-Busch (a) se presta para acolhimento ao sul d'esse matto a artilharia encontração.

*F. T.*

*1º Tenente*

(tropa a que pertence)

E' util juntar ao relatorio ou parte um croqui ou esboço ou ainda, quando faltar tempo, um exemplar ou pedaço da propria carta na qual se marcarão:

1.º — A posição que pareça apropriada á artilharia e á infantaria.

2.º — Direcção e alcance efficaz dos tiros:

a) para artilharia — traços amarelos ou pretos;

b) para infantaria — traços encarnados ou linhas pretas interrompidas.

Não só nestes como em outros quaisquer desenhos militares tem importancia capital a execução clara e caracteristica.

A parte artistica terá importancia secundaria.

(A seguir: 2.º tema)

### Escola de Aperfeiçoamento para Officiaes

Tal como a instituiu o Dec. n.º 13.451 de 29 de Janeiro de 1919 a E. A. O. destina-se a completar a instrucção dos officiaes do exercito e aperfeiçoal-los como instructores e commandantes de pequenas unidades, e para esse fim dispõe de tropas das quatro armas (art. 3.º, § 2º).

A graduação que o referido Dec. estabelece no seu art. 1.º, demonstra claramente a intenção de fazer do curso de aperfeiçoamento um complemento dos cursos d'arma e para evitar duvidas ahi neste art. ficou estabelecido que se trata de um *curso de aperfeiçoamento d'arma*, o que impede completamente que se pretenda dar-lhe outra qualquer orientação, por mais bonita, mais util, mais necessaria ou sympathica que seja.

Existem, a seguir, os cursos technicos de artilharia e engenharia, de estado-maior e de revisão, este claramente destinado a estabelecer a transição que permita aos officiaes, especialmente os superiores, acompanharem a evolução operada nas demais escolas — não importa que curso tenham, ou mesmo que não tenham nenhum.

A impressão que nos causou o destino e a orientação do *curso de aperfeiçoamento*, salientamol-o no n.º 65, de Fevereiro de 1919 e d'ella voltamos agora a tratar porque já se vão delineando mais positivamente os defeitos que previramos e que podiam e deviam ter sido evitados.

Nossa opinião é que o curso da E. A. O. deveria ser um correctivo dos males que nos invadiram pela indifferença, incuria e erranea orientação das administrações que favoreciam o mais insipiente dos doutorismos, sem a visão dos destinos do exercito e com medo de enfrentar as difficultades consequentes ás novas exigencias do preparo militar profissional. Encastellados em demonstrações puramente theo-

icas que pouco se distanciavam de pedantescos aprimos pessoais, basados em um meio sem experiência e sem ardor militar, os nossos capitães de hoje, apesar do trabalho individual e espontâneo com que têm vencido algumas resistências, pouco mais conseguiram, em geral, do que ser agrimensores ou engenheiros fardados, promptos para estudar ou praticar a guerra e a escola lhes ensinou a detestar e a temer.

O ideal das novas gerações é, nesse sentido, em curso constituído com unidades modelares das armas, onde experimentados mestres estrangeiros ensinem a tática aplicada e dispam roupagem académica e livresca que lhes embaraça o espírito.

Este desejo porém, não vai até a cegueira ou destruição systematica da nossa personalidade. Si fomos os primeiros a dar alarme quanto os defeitos da nossa instrução prática, e a apagar as luzes dos mais competentes e experimentados, não tínhamos, com certeza a intenção de provocar uma aparatoso e injusta demonstração da nossa incapacidade para entendermos o que se escreve em assuntos de generalidades, seja qual for o aspecto com que se retenda justificar esse ensino, as quais ou absolutamente não fazem falta a instrutores e cidades e pequenas unidades ou deveriam então ser reservados para o seu lugar apropriado: curso e estado-maior ou de revisão. Este é ponto capital, de onde nenhum raciocínio sério permite fugir, e que por isso mesmo é habilmente (?) contornado nas justificações!

Assim sendo e como nos parece agora que os membros da M. M. F. não estão informados e que neste pedaço da América já se conhece alguma cousa de geographia política, económica e militar, assim como já se faz uma engenharia que não nos envergonha desde os tempos da nossa independência, o que certamente acarreta possuirmos patrícios que sabem topographia, deixamos nesta nota a expressão do nosso pesar pela facilidade com que se reduziu a nossa capacidade e, ainda mais, pelo aplauso que deram a essa humilhação os responsáveis pelas alhás do nosso ensino, aquelles que sempre negaram recursos para o desenvolvimento das nossas escolas ou foram indiferentes aos seus destinos.

Mas é preciso esclarecer ainda que não é só os militares que vão para o curso de aperfeiçoamento, que atinge a insolita medida.

Todo o ensino brasileiro partilha do desrespeito oficial, não só porque os cursos militares são tão bons e tão validos como os civis que elhos pareçam, como porque no próprio curso de Aperfeiçoamento estão matriculados en-

genheiros militares e civis, agrimensores, bacalhaures em matemáticas, officiaes que fizeram parte de comissões de limites do paiz, etc, em número suficiente para bem representarem o ensino que se ministra no Brazil.

Assim, *comosco* que estamos convencidos destas idéias sobre o que temos de aperfeiçoar, que é muito e muito, e, portanto, sobre a destinação da E. A. O., e que consideramos os alumnos do curso de aperfeiçoamento capazes de estudar em francês, inglez, alemão ou espanhol o que se ha descoberto e feito nos últimos tempos, *não fica o desrespeito oficial*.

Não temos delegação dos alumnos da E. A. O. para tratar desse assunto e até nos parece que elles se dispõem a penetrar nessa escola com a resignação de considerarem nulos todos os estudos anteriormente feitos. Tambem não pretendemos provar a inutilidade do ensino a que alludimos.

Seria muito útil tambem que se ensinasse portuguez, por exemplo. Segundo já é publico os estados-maiores envolvidos na guerra opinaram pela apuração do ensino da língua materna aos officiaes, citando inúmeros casos em que o desconhecimento della foi funesto aos respectivos paizes.

O que desejamos é que para o futuro se tenha um documento publico de que nem todos os militares calaram ante a destruição de seus direitos e o desconhecimento efectivo da sua capacidade, por detrás do seu tão apregoado alto grau de adiantamento.

Tambem nós **contamos com a atenção do Governo.**

## Fala o Marechal Bento Ribeiro

*Na reabertura da Escola de Estado Maior*

**Meus Senhores.**

Seja-me permitido dizer algumas palavras ao abrir-se esta Escola, que marca o inicio de uma nova directriz impressa ao preparo da nossa officialidade, pela ampliação de seus conhecimentos com luzes novas, emanadas de cultas intelligencias que aumentaram e fortaleceram o seu saber na prática da grande guerra.

O momento é opportuno para fazermos certas afirmações que nos orgulham e que expressam verdades apercebidas pelo consenso geral, relacionadas em factos pelo paiz inteiro observadas.

Se á velha geração de officiaes que nos precedeu, coube a gloria de manter intactas as nossas fronteiras, vencendo as

maiores batalhas travadas na America do Sul, a officialidade actual, depois de cooperar com efficiencia na regeneração politica do paiz, auxiliando efficazmente a proclamar e a consolidar a Republica, tem presidido á transformação racional do exercito, empregando esforços continuos e tenazes no sentido de seu aperfeiçoamento technico e profissional, de modo approximal-o em equivalencia aos seus ongneres organizados á moderna.

Fazemo-nos portanto justa, radicando dentro em nós a convicção de que temos cumprido o nosso dever com patriotismo, augmentando sempre com desinteressada energia o fortalecimento da ordem e acelerando com o nosso trabalho incessante proficio de educadores, o progresso da nação.

Da observação attenta dos nossos varios regulamentos destes ultimos vinte annos, deduz-se a continuidade de um progresso notavel dos diversos ramos de preparação militar, tão extraordinario esse progresso que, instituido o sorteio, estivemos á cultura da difficil tarefa que se nos impoz, os conscriptos, sahidos da caserna reservistas, foram os maiores pregoeiros do nosso amor á Patria e ao trabalho, da nossa abnegação profissional, e da nossa cultura.

Com effeito, as doutrinas compendiadas nos nossos actuaes regulamentos eram, antes da conflagração europea, as correntemente preconisadas nos paizes de perfeita organisação militar; porém, quatro annos de uma lucta gigantesca sobre um teatro de operações sem igual na historia, mesmo conservados immutaveis os grandes principios da guerra, modificaram, isso é intuitivo, a maneira de agir das differentes armas, obrigadas a aproveitarem com inteligencia no campo de batalha o progresso espantoso das industrias militares, culminante nos mais perfeitos engenhos destruidores.

Mantermo-nos, por teimosia ou fetichismo retrogrado, aonde attingiramos, seria conservarmo-nos estacionarios: urgiam novas directrizes, e, os altos poderes publicos, indo ao encontro da corrente que se avolumava no seio das forças armadas, solicitaram o auxilio dos nossos camaradas do exercito francez e uma Grande Missão da patria gloria do maior genio militar da historia moderna, acha-se ao nosso lado, cooperando com-

nosco pela transformação efficiente do exercito brasileiro, de acordo com os ensinamentos da grande guerra.

Velho soldado, porém, sempre dominado de juvenil entusiasmo e extremado amor pela minha classe, orgulho-me em presidir ao inicio d'esta nova éra, quando mais não seja, para significar com o meu aplauso a alegria dos velhos officiaes, pela esperança bemfazeja que os empoiga, ao verem, cada vez mais, augmentada pela acquisitione de conhecimentos novos, a competencia da moderna officialidade, que, abroquelada em solido preparo profissional, transformará em futuro proximo, o nosso exercito em um perfeito organismo militar, garantia forte e absoluta da nossa paz e da nossa integridade.

Ao abrir-se esta Escola, na qual os competentes officiaes que constituem a missão chefiada pelo illustre General Gamelin, vão começar a vasta obra a que se propuzeram, com o ardor e entusiasmo que lhes impõem o justo e immortal renome do grande exercito a que pertencem, eu devo e quero affirmar a satisfação de todos nós e a bôa vontade da officialidade em geral, para aprender e progredir, unica maneira de compensar aos desvelos e aos sacrificios da nação.

Anima-nos a certeza de que as fundadas esperanças de hoje se concretizarão na brillante realidade de amanhã, e, o exercito brasilerio rejuvenescido por fecunda e solida instruccion e modernamente apparelhado, em breve será o orgulho da nação, infundindo pela collectividade confiança, fé nos nossos gloriosos destinos.

## O que traz de novo o R. I. S. G. 1920

Por decreto de 17 de Março de 1920 foi aprovada a 2.ª edição do nosso R. I. S. G. dentro em breve estará à venda no D. C. Já o publicou o Diario Official de 21. 3. 20.

Raro é o artigo que escapou de algum retoque; todos os artigos conservam porém o mesmo numero que tinham na 1.ª edição, e aquelles que foram supprimidos em assumpto desapareceram com seu numero, isto é, a numeracao apresenta alguns saltos.

Seria fastidioso pretendermos nesta noticia estudar todos os artigos alterados; como já dissemos, quasi nenhum deixou de ser modificado. Trataremos por isso de salientar sómente os pontos capitais.

*Do compromisso, da Bandeira e do Hymno.* — Art. 2. Em vez de «um mez depois da incorporação» a cerimonia do compromisso passa a ter lugar «proximamente um mez antes do exame do 1.º periodo de instruccion». E acresce a recommendação, sem duvida nascida da observa-

ção de factos indesejaveis: «Nenhum tempo de instrução deve ser sacrificado em ensaio das formalidades do compromisso».

Art. 4. Persiste so a 2.º proposição, relativa ao limite maximo de adiamento da cerimonia do compromisso, modificando de acordo com a alteração do art. 2.

Art. 5. Relativo ao compromisso do official promovido ao 1.º posto, recebe dois §§: casos do aspirante a official de reserva da 1.ª linha e official de reserva da 2.ª classe.

Art. 6. Dá nova disposição sobre a bandeira confiada á guarda dos corpos de todas as armas.

Art. 7. Hasteamento da bandeira; detalha-se o procedimento.

Art. 8. Suprimido. E' assumpto do R. Cont. Art. 11. Id. Id.

*Recepção e apresentação de officiaes.* — O título da 1.ª edição era só: recepção de officiaes.

Art. 13. Em vez de «os officiaes promovidos ou transferidos para qualquer unidade» — é — os officiaes transferidos para...

Prevé-se o caso de ser o edte novo mais moderno ou menos graduado que o antecessor de quem recebe pessoalmente o cdo.

O antigo n.º 8, relativo aos corpos que não tiverem fiscal, passou a ser § 1 e acrescem tres §§.

No § 2 trata-se do caso das substituições interinas, acumulações, e promoção de official do corpo que fique no mesmo.

§ 3º. Todo official que se apresentar a um superior — em objecto de serviço o faz dando seu *posto, nome e destino*.

§ 4º. Estabelece como dictame de camaradagem e educação o de se apresentarem um ao outro officiaes que tomem contacto em qualquer occasião.

Art. 14. Limita prazo para conferencia e recebimento de carga das companhias, etc., de modo que possa isso ser feito sem prejuizo da instrução. O substituído não é obrigado a assistir á conferencia quando elle continua no corpo.

*Capítulo II. — Da Instrução. Preceitos gerais.* — Salvo pequenas correções nos diversos artigos só ha sensivel alteração na redacção da 2.ª parte do art. 22 (1.ª parte): A instrução de qualquer arma comprehende duas partes: *instrução da tropa e instrução dos quadros*. Esta é inseparável daquella; mesmo na preparação peculiar aos quadros não pôde ser deixada de vista a applicação á instrução da tropa. *Taes quadros, tal tropa*.

No art. 17 aparece a designação «graduados» abrangendo, como é espontaneo, ansepeadas, cabos e sargentos.

*Instrução da tropa.* — O art. 23, sem alterações na essencia, é apresentado sob nova disposição, ou coordenação.

Nota 2.º. «A instrução individual continua impreterivelmente, nos periodos seguintes» ao de recrutas.

Nota 4.º. «A instrução dos cabos e sargentos será ministrada em horas disponiveis durante todo o anno de instrução».

No art. 24.º são acrescentados 2 §§ relativos á critica nos exames de instrução, de acordo com as «Directivas».

Art. 24, § 1.º. Disposição destinada a influir sobre o recrutamento de certos officiaes dos quartéis-generaes: elles terão que ser capazes de fazer critica nos exames de instrução, na ausen-

cia de seus chefes. Provavelmente passarão estes a só escolherem para tales cargos officiaes que conheçam o serviço da tropa.

No art. 25.º relativo á duração dos periodos de instrução, ha pequenas alterações e ha uma nota, de acordo tambem com as «Directivas», relativa á duração dos periodos, á precedencia dos de ordem mais elementar e ás manobras.

O art. 26.º, relativo aos exames de instrução recebeu nova disposição, alguns accrescimos tirados das «Directivas» e um outro, particularmente importante, que fixa o numero de dias de instrução que deve ter o recruta para que possa entrar em exame. Estabelece tambem que o exame individual dos cabos e sargentos tem lugar no fim do 2.º periodo de instrução.

Passa a ser obrigatoria sómente para os officiaes combatentes a assistencia aos exames de instrução.

O art. 27, relativo ao comparecimentos das autoridades superiores, aos exames é alterado, antes completado, de acordo com as «Directivas».

O art. 28, relativo á instrução nos periodos seguintes ao 1.º, foi vantajosamente simplificado. Acrescentou-se um esclarecimento sobre a continuação da instrução individual nesses periodos.

O art. 29, relativo á revisão do preparo das unidades é um pouco retocado.

O art. 30, que trata dos *retardatarios*, recebe um importantissimo accrescimo: *O graduado (cabo ou sargento) que for reprovado no respectivo exame de instrução será rebaixado à graduação inferior imediata*.

O exame de retardatarios tem lugar no fim do 2.º periodo, de acordo com as «Directivas».

Art. 31. Pequenas alterações na questão da repartição das companhias em escolas de instrução.

Art. 31. Os ansepeadas pertencem á escola de praças promptas ou de cabos, a juizo de seu edte. Sanciona a pratica de haver um instructor especial de tiro, «o qual, se possível, não sera o de recrutas».

Na eng. e art. de costa é permitido subdividir a instr. de recrutas por 2 subalternos. (1)

Art. 32. Foi alterado levando em conta o serviço de um anno. A praça não pôde ser escalada para serviço algum que vá afastá-la da instrução, antes do exame de recrutas. Em caso extremo os recrutas poderão concorrer — ainda com essa restrição — ao serviço de guarda, do alojamento e faxinas.

*Instrução dos quadros.* — Art. 39. Recebeu um accrescimo, já vigente, sobre os programma annuas da instrução dos officiaes e dos graduados.

Art. 41. E' accrescentada uma menção especial para os exercícios de quadros no terreno.

No art. 44 estabeleceu-se que o edte de corpo montado pôde chamar a si a instrução de equitação dos officiaes. Define-se mais precisamente esta instrução para os subalternos dos corpos a pé. Estabelece-se exame da equitação dos officiaes.

Art. 45. Algumas praças simples, mesmo recrutas, de notável aptidão, devem ser preparadas nas funções de explorador, observador, agente de ligação, estafeta, sinalheiro.

O art. 46 é corrigido de acordo com o «Guia para os exercícios de jogo da guerra».

\* Infelizmente o R. I. S. G. não crê nem distribue officiaes. Este artigo não pode ser cumprido em pleno Rio de Janeiro, pois no I. B. E. cada commandante só tem um subtenente e este mesmo aspirante.

art. 47. Os officiaes das pequenas unidades *em parte* (em vez de *assistem*) nos exercícios de quadros das outras unidades da mesma unidade.

art. 48. E' corrigida a questão da distribuição dos themas tacticos escriptos nas Divisões do Exercito.

*bras.* — E' um titulo novo, constituído pelo art. 54, o mesmo antigo com ligeiras alterações. Esta utilissima instituição, até então limitada aos officiaes e sargentos, agora abrange bem as praças. E mais: estas disposições são sensivas a todos os outros officiaes e praças quaequer serviços. Algumas medidas de degradação e asseguram a integral applicação das férias.

*orário de instrução.* — Em vez de duas férias simplesmente — inverno e verão — foi rotada uma graduação mais elástica, em tres férias ao N. do tropico, em cinco ao Sul.

Naquella parte do paiz a alvorada varia desde 4<sup>h</sup> nos 5 meses de Outubro a Fevereiro, as 5<sup>h</sup> em Maio, Junho, Julho e Agosto; na sequência entre as duas épocas, Março e Abril

lado, Setembro de outro, é às 5.

No Sul a alvorada varia desde 4<sup>h</sup> em Novembro e Dezembro até 6<sup>h</sup> em Junho e Julho. O aumento se faz por alterações de meia hora: Fevereiro e Fevereiro; Março; Abril e Maio. A inuição identicamente: Agosto; Setembro; Outubro.

Introduz-se o café com pão entre o almoço e o jantar, adia-se este para as 16<sup>h</sup> (excepto no em Junho e Julho, às 16<sup>h</sup>). Estabelece-se nos corpos montados que tenham seus animais em argola haverá as quartas-feiras só de equitação.

*concursos para promoção de sargentos e cabos.* Esclarece-se a questão da prova prática e de prova especial e que na prova prática as exigências deverão ser moderadas, pois o assumpto vai constituir objecto de ensino ao sargento ou cabo (art. 67 e 75).

art. 73 foi radicalmente alterado: «a promoção a 3.º sargento, ou só a aprovação no curso não acarreta nenhuma obrigação de engomamento do serviço». Facilita-se assim a ação dos sargentos para a reserva.

Retira-se aos graduados intendentes o carácter especialistas, e assim desaparece a razão de figurar o intendente do corpo na respectiva comissão examinadora (art. 74).

praça com três meses de serviço e exame 1.º período pôde candidatar-se a cabo.

art. 76 dá nova feição às transferências de praças e ao rebaixamento acaso resultante por motivo de vaga. A pedido ou por troca só pôde ser transferida na época que vae do fim

ano de instrução ao inicio do seguinte. Ha transferencia na mesma arma, salvo por motivo de saúde, como deixa permitir o n.º 22 do art. 96 (atribuições do corpo). O rebaixado por falta de vaga perde suas divisas; é aliás o que se aplica no rebaixamento temporário por castigo. Deve fazer excepção a esse preceito novo o fixado por motivo de reprovação em exame. Esta medida é altamente moralizadora, redundando beneficio da disciplina. Se o rebaixado deve dia recuperar seu posto seria absurdo fazê-lo temporariamente excluir da escala de serviço do que tinha e de frequentar o círculo de iguaes de «antes e depois». Sabem muito

bem os «troupiers» que em geral, e muito humilhantemente burlavam-se as duas disposições antigas sobre escala de serviço e convivencia. Quando não se o fazia o amesquinhamento do graduado temporariamente rebaixado recahia sobre a disciplina, sobre o respeito ás divisas. Ver também capítulo «Das penas disciplinares». A transferencia immediata do rebaixado que o antigo R. I. S. G. estabelecia (434) resolvia o caso: reconhecia-se os inconvenientes da perda das divisas, mas era uma capitulação da autoridade e era uma solução cara.

O novo sistema absolutamente não é mesmo eficaz, como repressivo, porque actua na região sensível: a algibeira.

*Escola regimental e bibliotheca.* — Sanctiona-se a descentralização das escolas de analfabetos pelas unidades do corpo e dão-se indicações de detalhe para a efficiencia desse ensino, sem necessidade de recursos extraordinarios.

Sanctiona-se também o uso da bibliotheca regimental como «orgão para facilitar aos officiaes e praças a aquisição de livros de instrução» (art. 87).

(Continua)

Klinger

## O combate da Infantaria

De uma conferencia (\*)

(Conclusão)

Emprego, denominação e collocação das reservas.

*Na guerra só dá resultado o que é simples,* devemos tender para tudo simplificar, mesmo as denominações dadas á tropa com funções identicas.

Reserva é toda tropa pertencente a uma grande ou pequena unidade combatente, que mesmo no campo de batalha está agindo pelo fogo. A *reserva reforça* a unidade a que pertence, presta-lhe seu apoio moral e material pelo fogo e auxilia os contra-ataques, ataca e executa missões outras no campo de batalha, mas é sempre reserva até o momento de empenhar-se na batalha.

Em these, a missão da reserva de uma unidade combatente é a mesma, sendo tanto mais lata a sua missão, quanto maior é a unidade.

O nosso R. E. I. denomina indiferentemente tropas não agindo no momento pelo fogo, ora como *apoio* (246, 247, 248, 249, 413) ora como *reforço* (357, 373, 377) ora como *reserva* (424, 429, 438, 446, 447, 451, 453, 464, 479, 508). E misturadamente *apoio* e *reserva* (372), e *apoio* e *reforço* (449).

A parte da companhia considerada á retaguarda (246) deve denominar-se *RESERVA* como chama-se *RESERVA* a parte

Batalhão, Regimento, Brigada, Divisão  
Exercito que á retaguarda se acha.  
A Reserva no momento em que começa  
actuar pelo fogo apoia materialmente a  
unidade a que pertence e a reforça por  
tercalção ou prolongamento, mas até  
se momento é RESERVA.

A collocação das reservas, nas pequenas  
unidades não sofre grandes dificuldades;  
nas as pequenas frentes de combate,  
rão collocadas tanto quanto possível nas  
proximidades da linha de atiradores, co-  
vertas pelo terreno ou abrigadas; escalona-  
s nos flancos quando estes não esti-  
rem apoiados; mas nas grandes unidades  
sua collocação não é facil. Onde devem  
ser collocadas as RESERVAS das grandes  
unidades?

No ponto decisivo: a victoria se obtém  
ela applicação opportuna no ponto deci-  
sivo da força concentrada como Reserva.  
Como, porém, achar o ponto decisivo  
no campo de batalha quando ao iniciar-se  
luta não sabemos ao certo se poderemos  
apôr a nossa vontade ao adversario e  
descobrir o ponto fraco da sua linha?

Devemos collocá-la em um dos flancos  
no centro do campo de batalha?

Julgo que poder-se-ia estabelecer que as  
reservas táticas devem ser collocadas em  
pontos do campo de batalha em que podes-  
sem attingir a 1.ª linha, tanto quanto  
possível, pelo menos, a coberto das vistas  
do inimigo e as reservas estratégicas nas  
proximidades do cruzamento de estradas  
de ferro ou de rodagem de modo a per-  
mitir o seu prompto deslocamento para  
ponto decisivo.

Nesta separação que acabo de fazer  
as reservas em táticas e estratégicas,  
não eu distinguir as que se acham ao  
cance da artilharia inimiga, que chamei  
táticas, das que se acham fóra do  
cance d'esta mesma artilharia, que deno-  
minei estratégicas.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Senhores, tive em vista nesta conferen-  
ça, expôr-vos a traços geraes as minhas  
opiniões consequentes ao estudo do  
nosso R. E. I., e convosco esclarecer mais  
espirito e aprender.

Lembro que a tropa estará á altura de  
sua missão quando por exercícios cons-  
tantes, tiver aprendido a applicar os prin-  
cípios do regulamento. Sua instrução terá  
sido dirigida racionalmente, se ella souber  
fazer tudo que a guerra exige e no campo

de batalha nada tiver de desprezar do que  
aprendeu no tempo de paz (R. E. I. 514).

Mas não é tudo, acima d'isto é neces-  
sario que tenhamos o amor da responsa-  
bilidade, que é a mais distinta qualidade  
de um chefe, e devemos ter presente e  
nos esforçar por penetrar nossos subordinados de que a negligencia e a  
inacção dão lugar a consequencias mais  
graves do que o erro na escolha dos  
meios (R. E. I. 334).

O valor de um Exercito, reside mais no  
valor dos seus officiaes, do que no valor  
das armas manejadas.

Os officiaes valem mais pelo seu valor  
moral do que pelo preparo technico que  
possuitem.

O exito dos combates repousa mais no  
valor moral dos combatentes do que no  
valor numerico d'elles e o preparo technico  
e moral da tropa é feito pelos subalternos,  
a cellula mater dos exercitos.

A vós, pois, officiaes subalternos do  
2.º Regimento de Infantaria, a vós Tenen-  
tes do Exercito Nacional, cu me dirijo  
neste momento.

Aperfeioae a vossa instrução estu-  
dando honestamente os nossos regulamen-  
tos, aplicando-os lealmente.

Ficae certos de que o exercito que pos-  
suir bons subalternos, terá bons capitães,  
excellentes commandantes, optimos gene-  
raes e será efficiente.

Sem bons subalternos não haverá exer-  
cito bom e efficiente, mesmo que possua  
optimos chefes; a direcção será bôa, a  
execução pessima. O inolvidavel Tenente  
Antonio João, o heroico defensor da colo-  
nia de Dourados, commandando 15 sol-  
dados do Brasil, com seu valor moral  
transmittido aos seus bravos camaradas,  
enfrentou a trezentos soldados Paraguayos  
em luta homérica em que no fim de uma  
hora de peleja jazia elle com doze dos  
seus companheiros no campo da honra,  
como um energico protesto á invasão do  
nossa caro Brasil.

Lembro-vos ainda o feito heroico de um  
subalterno Francez em uma das batalhas  
da Grande Guerra. Marchava elle para o  
assalto na trente de seu pelotão, sob a  
chuva incessante de balas e Schrapnells;  
em um dado momento elle sente que a sua  
acção de commando foge-lhe das mãos,  
o que fazer?

Sob o tremendo furacão da artilharia

e o granizo dos fusis e metralhadoras, o heroico subalterno pára, apita chamando a atenção dos seus homens, reune-os e em pleno desencadear dos elementos materiaes da batalha, a sua força moral tudo domina, elle commanda a seus homens o manejo d'armas rithmado e quando sentiu ter readquirido sua acção de commando, lança-se novamente ao assalto, ao empolgante «Em frente».

Dignos camaradas, officiaes subalternos, em vós repousa o mais arduo e pesado da nossa ardua profissão; com perseverança e coragem proseguí na vossa nobilitante tarefa, transmittindo aos nossos homens o vosso saber, o vosso valor moral, e a nossa Patria vos será agraciada.

Capitão Miguel de Castro Ayres

## Instrucción de Infantaria

Quadros de instrucción destinados á organização de programmas semanaes

### VIII

#### Instrucción de campanha

Marchas . . . . .	Idéa geral (theoria). Disciplina individual.
Estacionamentos . . . . .	Idéa geral (theo.). Disciplina individual.
Segurança em marcha . . . . .	Idéa geral sobre o conjunto do serviço (theo.). Instrucción individual.
Idem em estação . . . . .	Idéa geral sobre o conjunto do serviço (theo.). Instrucción individual.
Outras situações do soldado em campanha . . . . .	Transmissão de ordens e informações. Comboios. Parlamentarios. Soldados que cahem prisioneiros.

*Observações.* — Em vez de rudimentos como prescreve o R. I. S. G., 94, com o serviço de um anno o nosso soldado precisa, no periodo de recrutas, de uma instrucción de campanha mais detalhado, pelo menos daquillo que lhe diz respeito que lhe interessa individualmente. (\*)

Esta instrucción, embora quasi que exclusivamente de carácter pratico, deve ser sempre precedida na companhia e antes dos exercícios correspondentes, de uma ligeir exposição theórica.

As recomendações constantes durante os exer-

(\*) *Nota.* — Ver desenvolvimento deste quadro nos n.ºs 63 e 64 da «Defesa Nacional».

(\*) *N. da R.* — Este trabalho foi feito antes da publicação do R. I. S. G. 1920.

Este leva em conta nas suas disposições sobre instrucción individual, a duração de um anno para o serviço militar do grosso dos recrutas.

cios de marcha e estacionamento e as exigências de todos os officiaes e graduados pela escrupulosa observação das prescrições do quadro anterior, não devem, em nenhuma hypothese, deixar de ser feitas. Não basta ensinar, é preciso exigir.

As situações tacticas creadas para darem lugar á correspondente instrucción pratica dos serviços de segurança, não devem ir além das condições de *ponta e pequenos postos*. Sempre que possível, a exposição theórica deve ser acompanhada por figurativos sobre cartas apropriadas a esse fim. Para os quadros da companhia, subalterno inclusive, o regulamento confia aos respectivos commandantes a organização de pequenas sessões de temas tacticos até companhia (ver a do R. I. S. G.).

1º Tenente Barbosa Monteiro

## Munição de Instrucción (1)

Para os efectivos de 1920 e segundo o R. T. I.

### INFANTARIA

#### Companhia:

Para (t. i.) (3) 128 homens inclusive	8.9
3 officiaes a 70	3.9
Para (t. c.) 12 cabos a 60 e 96 homens a 130	13.2
	22.1

#### Batalhão:

3 Companhias	66.4
Mais 13 homens inclusive 1 oficial	9
Dotações especiais	1.5

#### Regimento a 2 batalhões:

2 Batalhões	137.7
Mais 63 homens inclusive 2 officiaes	4.4
Dotações especiais (n. 219)	10.0
	152.1

#### Regimento a 3 batalhões:

3 Batalhões	206.6
Mais 64 homens inclusive 1 oficial	4.4
Dotações especiais	10.0
	221.1

#### Batalhão de caçadores:

3 Companhias	66.4
Mais 58 homens inclusive 1 oficial	4.0
Dotações especiais (ns. 218 e 219)	6.3

Companhia de metralhadoras (4) — 141 homens inclusive 4 officiaes a 70	9.8
Companhia de estabelecimento — 243 homens inclusive 4 officiaes a 70	17.0

### CAVALLARIA

#### Esquadrão:

Para (t. i.) 94 homens inclusive 4 officiaes a 70	6.5
Para (t. c.) 8 cabos a 60 e 64 homens a 130	8.8

(1) Porque também existe a de mobilização e cujo calo tem como principal fundamento a O. E. C.

(2) O R. T. I. substitui também o R. T. C.

(3) (t. i.) — tiros de instrucción; (t. c.) — tiros de combate.

(4) As 19 e 20 companhias recebem mais 1330 cartuchos

Resumo geral	
Infantaria	3.638.810
Cavalaria	1.051.360
Engenharia	138.330
Artilharia	151.230
	4.979.730
<i>Obs.</i> — Os homens que em cada unidade excederem dos efectivos de instrução consignados nos quadros deverão fazer seus exercícios comunição das economias.	
Para os subalternos da artilharia e engenharia, capitães de todas as armas, officiaes superiores e os dos serviços especiaes, o tiro de instrução é facultativo.	
Na munição acima especificada não está, como se vê, contemplada a que deve ser gasta com a instrução nos institutos militares de ensino. O consumo desta deve ser igualmente previsto, por quanto elle deve ser orientado pelas mesmas prescripções do R. T. I. Além disso, a obediencia às prescripções desse regulamento, relativas ao gasto de munição, constitue tambem um meio indireto para se avaliar, dentro dos limites que essas prescripções estabelecem, o desenvolvimento da instrução. E sabe-se que hoje não se recommenda mais como methodo de instrução o que queima cartuchos sem consideração a limites.	
1º Tenente <i>Barbosa Monteiro</i> .	
<b>ENGENHARIA</b>	
Companhia ferro-viaria — 96 praças a 70	
Batalhão ferro-viario:	
Companhias	2.160
18 27 praças a 70	1.890
tação especial (annexo VI)	1.500
	23.550
Companhia ferro-viaria isolada — 156	
praças a 70	10.920
Companhia de sapadores — 104 praças a 70	7.280
Companhia de pontoneiros — 99 praças a 70	6.930
Companhia de telegraphistas — 111	
praças a 70 (81 mais 30)	7.770
Batalhão de engenharia (6):	
Companhias	21.980
18 28 praças a 70	1.960
tação especial (annexo VI)	1.500
	25.440
<b>ARTILHARIA</b>	
campanha — Cartuchos por bateria	
e costa — Cartuchos por praça	70
<b>RESUMO POR ARMA</b>	
Infantaria:	
Regimentos a 3 batalhões	663.450
Regimentos a 2 batalhões	1.065.330
Batalhões de caçadores	1.771.920
Companhias de metralhadoras	98.700
Companhias de metralhadoras com efectivos de mob.	22.400
Companhia de estabelecimento	17.010
	3.683.810
Cavalaria:	
Regimentos a 4 esquad. e com serviço de invernada	822.140
Regimentos a 4 esquad. e sem serviço de invernada	148.220
Corpos de trem	81.000
	1.051.360
Engenharia:	
Companhia ferro-viaria	10.920
Batalhão ferro-viario	23.550
Batalhões de engenharia	103.860
	138.330
Artilharia:	
Baterias	61.000
289 praças de artilharia de costa	90.230
	151.230

(5) Os que têm o serviço especial de invernada recebem 9 x 70 = 630 cartuchos.

(6) O 1º batalhão ainda recebe mais 30 x 70 = 2100 cartuchos.

**R. D. T.** A Directoria Geral do Tiro de Guerra acaba de ser dotada de um novo regulamento. O que o caracterisa em synthese é a maior approximação entre o mechanismo das estações subsidiarias da caserna — os Tiros de Guerra — e seu verdadeiro destino: contribuir para attenuação da insuficiencia volumetrica do exercito activo no preparo de reservistas. A Directoria passa a ser directamente subordinada ao E. M. E., orgão central do apparelho da instrução militar. Passa a haver uma unica época de exames por anno, e está liquidada a tempo de não prejudicar a incorporação dos sorteados. D'esta forma os officiaes e sargentos, instructores e auxiliares dos T. G. não ficam inhibidos de prestar seu concurso na instrução dos recrutas de seu corpo. A instrução dos candidatos a reservistas de 2.ª categoria passa a ser uma só, quer se trate de T. G., quer de associações, etc.

A medida mais importante é, porém, a da ligação de cada T. G. ou escola de reservistas congenera a uma companhia ou esquadrão do exercito activo. Interessa-se assim a tropa permanente no preparo efficiente de seus futuros elementos de complemento e estes sabem desde logo a que unidade do exercito pertencerão.

como reservistas. Essa ligação assume a maxima intimidade nas guarnições militares, principalmente se ahi é preciso que a companhia a que fôr adstricto um T. G. forneça até o armamento para instrucção de seus associados: neste caso o ensino terá lugar obrigatoriamente na caserna.

Fica assim muito nitidamente posta nas mãos do exercito activo a feitura dos seus futuros reservistas de 2.ª categoria. Cessará por certo a má vontade que em muita parte era irreprimida. Com um pequeno accrescimo de trabalho presitará a tropa mais um consideravel serviço á defesa nacional. Os reservistas de 2.ª categoria valerão o que a tropa seja capaz de fazer por elles.

## CAVALLARIA INDEPENDENTE

A proposito do artigo adiante publicado sobre «o 2.º C. C. francez na grande guerra» pareceu-nos interessante transcrever aqui as seguintes paginas do «Serviço de Estado Maior» de von Schellendorff (1905):

«Depois do renascimento da cavallaria allemã em 1870/71, como esclarecedora á grande distancia e mascaradora dos movimentos do exercito, não ha mais duvida que o primeiro fraccionamento de um exercito deve comprehendér corpos formados só de cavallaria, com artilharia a cavalo. Trata-se apenas de resolver qual o efectivo a dar-lhes e qual a melhor composição para essas massas de cavallaria.

Na campanha de 1866 o exercito prusiano comprehendia um corpo de cavallaria formado de duas divisões, em geral subordinado a um commando superior de exercito e só excepcionalmente recebendo ordens do supremo commando. A experiência desfavoravel com elle adquirida é menos culpa d'esse corpo do que de seu defeituoso emprego estrategico e tactico.

Na guerra de 1870 não se formou semelhante corpo, preferiu-se empregar diversas divisões de cavallaria independentes, subordinadas directamente aos commandos de exercitos. Semelhante medida provou bem em face da cavallaria franceza; contudo houve casos em que a concentração da cavallaria para seu emprego em massas mais consideraveis teria augmentado grandemente o exito obtido.

Se as esquadrilhas de cavallaria empregadas na frente do exercito recebem para o esclarecimento estrategico missões e objectivos diferentes, que as obriguem a avançar em larga frente, então é conveniente empregal-as por divisões independentes. Nesse caso a sua concentração sob um commando unico importaria na criação de um membro intermediario inutil, cujo funcionamento poderia ser suprido pelo commando do exercito. Ao contrario, se se empregam diversas esquadrilhas de cavallaria para o mesmo fim e na mesma direcção, convém dar-lhes um commando commun, afim de repellir a cavallaria inimiga pela obtenção da superioridade no ponto decisivo e conseguir reconhecer as condições do inimigo. E tambem para a decisão na batalha e a perseguição do inimigo batido é necessário enfeixar sob um commando unico as massas de cavallaria, para aniquilar em grande frente, com a devida articulação em profundidade, não apenas partes do inimigo, mas penetrar nas suas forças principaes e ao mesmo tempo rechassar a cavallaria inimiga que intervenha. Se essas massas de cavallaria conseguem interromper a linha de retaguarda do inimigo ou antepôr-se-lhe na retirada, elles podem causar seu completo aniquilamento. Neste sentido a cavallaria allemã na campanha 1870/71 deixou escapar diversas ocasiões de colher grandes exitos.

Naturalmente não se pôde pretender fazer marchar sempre na mesma estrada tamanhas massas de cavallaria, nem estacional-as concentradas; só o proposito de obter uma decisão no ponto designado pelo supremo commando, seja em esclarecimento ou na batalha ou na retaguarda do inimigo, é que deve fazer enfeixar provisoriamente num commando unico um certo numero de divisões de cavallaria, marchando isoladas.

Uma vez desempenhada a missão commun, nada impede que de novo se emanipem as divisões de cavallaria e busquem seus objectivos diversos.

Por essa razão parece conveniente não planejar desde o começo a formação de corpos-de-cavallaria, mas apenas addir aos exercitos os elementos para o estado maior de tal grande unidade.

Na composição de uma divisão de cavallaria attende-se á sua actividade como unidade de combate e ás suas missões no

mento estratégico. Trata-se ahi de serviço total e respectiva articulação da sua dotação em artilharia; isto cabe resolver sobre a necessidade de engenharia para serviços especiais de destruição.

São de cavallaria na Alemanha e em regra tres brigadas, cada uma com dois regimentos de quatro esquadrões. O efectivo e articulação corresponde ao duplo destino da divisão de cavallaria, como unidade de combate e de esclarecimento do exercito. O combate, em regra, a divisão se separará em tres linhas successivas, cada uma constituída pelas brigadas. Cada bateria tem o direito de articular a divisão de outra forma, como achar mais vantajoso em cada caso.

Para reforçar permanentemente a divisão de cavallaria por uma tropa de infantaria, prevista na ordem de batalha, e que deve portar em viaturas, está universalmente reconhecida como inconveniente, porque se encontraria no serviço da infantaria nenhuma missão para tal pequena tropa, que não pudesse também ser resolvida pelos atiradores de infantaria a pé; nem se fale da dificuldade de conseguir em território inimigo tropas suficientes de viaturas capazes de transportar (para cada 10 homens) para o transporte de infantaria.

Outro lado pôde prestar relevante serviço uma fracção de infantaria atribuída, provisoriamente, pela repartição das divisões de cavallaria para fins de combate (p. ex., para barrar um ponto de ataque); porém se essa ligação de infantaria torna-se como um peso nas divisões de cavallaria, ou esta abandona a infantaria à sua sorte. Na Austria se atribui a infantaria, por ordem de batalha, batalhões de atiradores ás divisões de cavallaria; na França, companhias de cyclistas.

Conveniente parece a atribuição de metralhadoras, capazes de atingir a cavallaria a toda parte, que, sejam atrelladas e equipadas com lanchas da artilharia de campanha. Nesses casos elas pouparão á cavallaria o combate a pé, e na batalha pôdem ser empregadas de surpresa no flanco e na retaguarda do inimigo.

Atribuição de artilharia é necessária para o serviço de esclarecimento

como para a batalha, lá quebrando a resistência de pequenos destacamentos de todas as armas ou dando acolhimento á cavallaria, aqui preparando rapidamente o ataque decisivo. A dúvida é apenas quanto á proporção da artilharia. O limite mínimo é de uma bateria para seis regimentos; o maximo tem sido de tres baterias, isto é, uma por brigada. É claro que a existencia de uma bateria unica restringirá muitas vezes o papel da divisão. Deve-se tanto mais aconselhar a dotação de tres baterias, formando grupo, quanto assim se attenderá a todas as necessidades, o serviço de cada bateria será aliviado e finalmente no caso de uma batalha haverá uma considerável contribuição de fogo de artilharia.

A secção de engenharia d'uma divisão de cavallaria, constando de 40 homens, que conduz em uma viatura de ferramenta o necessário para amplas destruições, deve ser transportada em viaturas requisitadas. Sem esquecer a objecção referida a propósito do transporte de infantaria em viaturas, parece vantajoso para ambas as partes que um certo numero de cavallarianos sejam instruidos no trabalho de sapa, de modo que sob as vistas de um oficial de engenharia montado possam executar tais destruições.

Resumindo as considerações precedentes, temos que a massa da cavallaria de um exercito deve ser articulada em divisões independentes, subordinadas directamente aos commandos de exercitos, cada uma de preferencia formada de tres brigadas de dois regimentos. Infantaria não deve haver nessas divisões, mas um grupo de duas ou tres baterias de artilharia a cavallio, e uma pequena secção de engenharia.

Aliás são bem divergentes as opiniões sobre a melhor composição das divisões de cavallaria.

Na França ha duas de 6 regimentos, tres de 5 e tres de 4. Na Austria, Russia e Italia se prefere a partição da divisão em duas brigadas, de dois regimentos de seis esquadrões. Assim o commando da brigada fica com uma significação secundaria. Tanto no serviço de esclarecimento como na formação das tres linhas successivas para o combate em geral, rompe-se uma das brigadas. Em compensação o numero de quatro regimentos oferece vantagens notaveis; a

tactica moderna exige que a primeira linha seja a mais forte possível. Na ordem ternaria da divisão o natural é ficarem as tres linhas com igual força, ao passo que na ordem quaternaria (4 regimentos) a primeira linha pôde receber a metade da divisão, ficando então forte bastante para tirar de seus elementos proprios os esquadrões de apoio e as pequenas flancoguardas, e assim as linhas seguintes aumentam consideravelmente de independencia em seus movimentos. Além disto, se faltar uma parte, o que não será raro após o primeiro encontro com o inimigo, a divisão quaternaria ainda terá tres partes, ao passo que a divisão ternaria ficaria reduzida a duas.

Por isso tambem no exercito alemão se levantaram vozes pedindo a divisão quaternaria. Nesse sentido deve ser interpretada a proposta de dar á divisão de cavallaria sete regimentos, de modo que a primeira linha possa ser formada de uma brigada de tres regimentos. Isso seria, conscientemente ou não, a adopção da divisão quaternaria.

O numero de divisões que podem ser formadas depende do numero de regimentos de cavallaria, deduzido um para cada divisão de infantaria. A necessidade dessa ultima ligação será depois discutida.

Reconhecendo-se que as missões estrategicas e táticas multiplas e extraordinariamente importantes que tocarão á cavallaria na guerra só pôdem ser resolvidas por uma cavallaria numerosa, será preciso convir na necessidade de aumentar a cavallaria...

O desejo de aumentar esta arma é tanto mais justificado quanto as baixas que ella tiver na guerra não poderão ser preenchidas por elementos equivalentes, e tambem o effectivo cavallar diminuirá rapidamente na guerra. Os cavalos para a artilharia e para os trens do exercito devendo bastar a exigencias menos fortes são mais facilmente substituidos que os da cavallaria, educados longamente e habituados a maiores esforços. E os cavalos sem esse preparo não pôdem ser plenamente utilizados ou succumbirão dentro de pouco tempo.

**O não recebimento da revista é geralmente culpa do assignante, porque ella não se faz só para ser distribuida.**

Não demorar a comunicação de mudança de destino, nem retardar reclamação.

## Papel do 2º Corpo de Cavallaria no ultimo anno da guerra

Depois dum longo periodo de trincheiras, os corpos de cavallaria do exercito francez voltaram, em começo de 1918, á sua verdadeira missão.

Desde Março até Novembro, a cavallaria cobrando a sua actividade deu, como sempre, melhores provas de espirito de sacrificio e abnegação, socorrendo, nos momentos mais criticos, as outras armas fatigadas, ameaçadas, envolvidas pelas phalanges allemas que, em vagas ecessantes, procuravam precipitar a solução grande luta, com suas memoraveis investidas violentas e pertinazes.

A cavallaria pôde dizer com justificado orgulho que, nessa phase delicada e decisiva, por toda a parte onde ella apareceu, as vagas allemas foram sempre detidas.

Sobre os serviços pelo 2º Corpo de Cavallaria prestados, ninguem poderia fallar com maior competencia militar do que o valente chefe que se conservou sempre á sua frente, o General Robillot. Eis a ordem que elle baixou ao dissolvida esta unidade do seu commando: como esse illustre chefe rememora os gloriosos serviços prestados pelo 2º C. C.:

«No dia 23 de Março de 1918 o inimigo pronunciava a sua primeira grande offensiva do anno. Havia transposto o Oise, ao norte de Tergniers, recalcado bruscamente o 5º Exercito britannico, e atravessado o Somme e o canal Croisic entre Ham e Jussy e impellido diante de si as tropas em retirada, dirigia-se a Guichard e Noyon. A linha de frente estava rôta, Paris ameaçado. O General comandante em chefe dirigia um appello a todas as reservas, afim de fazer face ao perigo e os elementos do 2º C. C. acudiam à batalha.

Nessa epocha o 2º C. C. achava-se dispersado em toda a França. As divisões chamadas para o interior, afim de imporem a ordem nos centros onde os agentes da Alemanha procuravam criar uma agitação destinada a paralysar a defesa nacional, só pelo facto do seu soberbo porte e da sua disciplina inabalavel, haviam feito entrar os discolos no sentimento do proprio dever, mas era-lhe impossivel, antes de alguns dias, irem da o preciso socorro. A artilharia de duas d'essas divisões achava-se em Escolas d'Instruccion.

Só o E. M. do 2º C. C. em Villenaux e um agrupamento formado pelos grupos Cyclistas, por grupos d'Auto-canhões e auto-metralhadoras e pela artilharia da 6º D. C., se encontravam em condições de intervir imediatamente.

Foram estes elementos, reforçados primeiramente pelo 2.º R. C., e depois pela 1.ª D. C. que tendo chegado no dia 23 de Março à noite e no dia 24 de manhã ao campo de batalha, constituiram a ossatura e os laços moraes das primeiras Divisões d'Infantaria e os primeiros grupos d'Artilharia, desembarcados á pressa e sem material de combate ao Norte de Noyon.

Não lhes renovarei os detalhes das heroicas formações improvisadas, nos quaes, sentindo que o destino do paiz estava em jogo cada qual pondo em obra toda a sua energia, afirmava bem a fé que nutri na invencibilidade da França.

Que me baste recordar-lhes que desde o dia 27, detraz da cortina impenetrável desenrolada sobre uma frente de 30 kilómetros, as reservas tinham conseguido chegar; que no dia 28, o 2.º C. C., formado dos restos das Divisões 22.ª e 62.ª de Infantaria e de dois Regimentos da Divisão 38.ª de Infantaria, escorados, ligados, levados com impeto; pelos elementos de cavallaria, já acima citados, passou ao ataque e reconquistou terreno; e que no dia 1.º de Abril, a situação estava já restabelecida, a brecha fechada, o perigo conjurado, e que o 2.º C. C. tornava a ficar disponivel para outras missões.

Durante este tempo, a 1.ª D. C. P. graças á sua heroica resistencia ao norte de Noyon, havia realizado a mesma tarefa com exitos iguaes.

As D. C. chegavam então á linha de frente, e, quando o inimigo, tendo-se visto detido na direcção de Paris, se lançava sobre Amiens, eil-o que vae esbarrar contra a 5.ª D. C., agrupada de Roye a Hangard, sob a alta direcção do General Debene, com as D. I., collocadas sob as ordens do General Mesple, depois contra a 2.ª D. C., que com a mesma energia, com o mesmo espirito de sacrificio, contribuiam para lhe fechar o caminho do Oeste, do mesmo modo que os seus camaradas lhe haviam tolhido o caminho do Sul.

As D. C. sahiam da batalha, mas logo em 4 de Abril, o E. M. do 2.º C. C. lá voltava de novo, para acudir a uma ameaça de ataque ao Norte de Moreuil. Encontrava ali a 2.ª D. C. P. e outras D. I. e com ellas oppunha durante quatro dias uma frente inabalavel aos assaltos do inimigo, reparando as estradas, orga-

nisando o campo de batalha, permittindo assim ao commando trazer as reservas e afastar todo o perigo.

Detido diante d'Amiens, como detido fôra tambem diante de Noyon e diante do Montdidier, o inimigo lançava uma nova offensiva em direcção a Calais, e de Dunquerque rechassava os portugueses; e punha em perigo as forças inglezas das Flandres.

O 2.º C. C., que tinha sahido da batalha no dia 8 de Abril, tornado a formar na região d'Aumale, em 9, pelo grupo das 2.ª, 3.ª e 6.ª D. C., dirigido em 11 para a de Fourcarmont, era de novo chamado para outro ponto perigoso.

Sem parar, sem descanso algum, percorrendo 100 kilometros por dia, as Divisões attingiam em 15 os montes das Flandres, do Kemel ao Monte dos Cats e tomavam contacto com o inimigo; depois afferrando-se ao terreno que disputavam palmo a palmo ao adversario, quebravam, de 25 a 30, todos os esforços d'este para tirar partido do exito alcançado no Kemel, contra-atacavam desde Clytte ao Mont-Rouge, amparando e unindo as D. I. que no sector se iam succedendo. Fazendo face a todas as situações, tomavam a mais gloria parte na victoria; e, quando o C. C. era rendido em 5 de Maio, já o perigo se encontrava conjurado nas Flandres, como o fôra sobre Paris e sobre Amiens.

Nesses combates terríveis, nunca fôste avaros de vosso sangue, Cavalleiros, Caçadores, Sapadores, Artilheiros, Metralhadores, Telephonistas, Conductores, Padioleiros... todos elles contribuiram para o esperado resultado generosamente e com todas as suas forças. Depois de tão rude esforço, as D. C., fazendo de novo caminho em sentido inverso, iam em demanda de alguns instantes de repouso na região de Neufchate, afim de se prepararem para novos combates.

A's 11 horas do dia 28 de Maio, chegou a noticia da ruptura da frente do Aisne. Os exercitos allemaes, numa arremetida impetuosa, mais formidavel ainda que as precedentes, arrojam-se para o Marne para o Oureq: Paris é novamente ameaçado.

Chamado em auxilio, o 2.º C. C., sempre composto das 2.ª, 3.ª e 6.ª D. C. renovando a sua marcha fulminante das Flandres, partia nesse mesmo dia. No dia

0, tinha já as suas guardas avançadas sobre o Ourcq, cahia no meio das tropas em plena retirada, entrava em combate o dia 31, e atalhava a derrota. No dia de Junho, atacava; no dia 3, o impeto do inimigo era definitivamente quebrado, também ali a brecha era fechada, e uma vez mais, Paris e a França, estavam salvas.

Até o dia 20 de Junho, o E. M. do 2º C. C. continuava a conduzir a batalha a dirigir os esforços das D. I., chavadas em reforço. Quando foi rendido, todo o perigo de ruptura estava conrado.

Durante esse tempo, a 2.ª D. C. P., o Norte da floresta de l'Aigues depois o Nordeste da floresta de Compiégne, a 3.ª D. C. sobre o Marne oppunham aos esforços do inimigo a muralha inabalável o Regimento de ferro. Diante d'essas tropas de primeira ordem, se por vezes massas alemãs lograram alcançar um momentaneo exito, esse exito foi imediatamente sustado e transformado em definitivo revez.

Esses rudes combates, tanto mais gloriosos quanto é certo que por parte aquelles que os travaram, os regimentos não haviam sido reconstituídos completamente, depois das batalhas de Moreuil e as Flandres, não tardaram a produzir novas falhas nas vossas fileiras e por isso mesmo, em 21 de Junho, o 2º C. C. tinha-se reagrupado, para se reconstituir em torno de Mouy.

Este periodo de repouso não foi de longa duração.

No dia 12 de Julho, o 2º C. C., reconstituído com as 2.ª, 4.ª e 6.ª D. C. transportava-se para o Marne, a Oeste de Meaux, na previsão da grande offensiva alemã, que devia acabar de quebrar nossa resistencia. Apenas chegadas, no dia 15, as Divisões tornavam a pôr-se em marcha, para alcançar a região Oeste da floresta de Villers-Cotterets e tres dias mais tarde, elas que tomavam parte na brillante offensiva de 18 de Julho que devia cortar cerce os ambiciosos projectos dos alemães. Segundo de perto as unidades d'Infantaria, passando adiante delas em certos pontos, rivalizando com essas unidades em rapidez, vivacidade e bravura, esforçavam-se no decurso de dois dias por vencer a resistencia do adversario surprehendido, mas por enquanto não desorganizado por completo.

Uma d'ellas, a 6.ª D. C. prolongava este esforço até ao dia 1 de Agosto, em face de Ferre-en-Tardenois, sem que se lhe oferecesse o ensejo desejado de explorar os nossos primeiros exitos.

Mas a face das cousas achava-se mudada; sob os nossos golpes repetidos, o inimigo desorientado ia enfraquecendo cada vez mais, e, d'ora avante, cada um dos nossos ataques devia marcar para ele um novo recuo. O 2.º C. C., cuja opportuna intervenção por quatro vezes tinha permitido restabelecer uma situação compromettida ia contribuir agora em larga escala para podermos explorar e tirar o devido proveito dos nossos exitos e para precipitar o desenlace.

Em 8 de Agosto, chegava com as suas tres divisões ao Sul de Montdidier, para tomar parte na offensiva do exercito Debony, transpunha em parte, no dia 9, o ribeiro das Trois-Dames; e, na manhã do dia 10, passando adiante da infantaria, as vanguardas das tres Divisões estavam no encalço das columnas inimigas em retirada, a 4.ª D. C. apoderava-se das aldeias de Crivilers e Bus onde procurava fazer frente, e obrigava-as a retroceder para Roye. Retidas sobre posições valentemente organisadas, que em vão a Infantaria tenta tomar nos dias seguintes, as Divisões conservam-se vigilantes, à espreita do momento propicio, para intervir de novo. Essa occasião parece oferecer-se no dia 27, e por isso, no dia 28, a 2.ª D. C., arrojando-se de frente, cooperava no ataque de Roiglise e de Margny-aux-Cerises e atingia em vão, com os seus elementos avançados, a região de Beaulieu-les-Fontaines: mais uma vez o caminho se fechava diante d'ella.

Em quanto que o 2.º C. C., reconduzido nos ultimos dias de Agosto para a região de Beauvais em reserva ao dispor do General Commandante em Chefe, aproveitava este periodo de calma para em parte se completar de novo, a 2.ª D. C. P., combatendo nos Hauts de Meuse, tomava parte na brillante offensiva do exercito americano sobre o saliente de Saint-Mihiel. D'um só arremesso, penetrando profundamente nas linhas inimigas, através de uma região cheia de mattaques, eriçada de fios de ferro e de defesas durante muito tempo preparadas, vencendo todos os obstaculos que se oppunham á sua marcha, conquis-

va Hattonchatel e aprisionava de um aço de rede cerca de 2,000 homens e um material considerável.

No dia 28 de Setembro, o 2.º C. C., novo bem preparado, tornava a tomar caminho das Flandres, por Abbeville e Saint-Omer. Em 27 chegava á região de Armentières, e passava a ficar ás ordens de Sua Magestade o Rei dos Belgas, que mandava o Grupo de Exercito das Flandres.

Desde a sua chegada, os tres grupos de Artilharia das Divisões e a Artilharia de corpos entravam em combate para apoiar o ataque do dia seguinte, 28, ataque que logo de um primeiro impeto atingia a posição principal sobre a crista das Flandres.

Na tarde de 28, os primeiros elementos das Divisões passavam a Este do Yser, grosso das tropas seguia pela margem Este do Canal, transpunha-o em 29, e logo no dia 30, na esteira das tropas de ataque, que commandava o General Assenet, e das tropas britannicas do 2.º

Ex., as Divisões superavam á força a energia as difficultades inauditas, que sua marcha oppunha um terreno medonhamente subvertido, e tomavam contacto com as retaguardas inimigas, que se erravam com toda a força a Oeste de Roulers e sobre as alturas de Hoogrede. Mais ao Sul, a 4.ª D. C. explorava um ranço mais accentuado dos inglezes e atingia á custa de deliberados esforços, a estrada de Roulers a Menin.

Detido no seu impeto por difficultades de artariaes insuperaveis o ataque recomendava no dia 3 de Outubro, sem alcançar um exito decisivo. Impunha-se a necessidade de nova preparação. Transportadas de novo para Oeste do Yser, por alguns dias, as Divisões regressavam no dia 14 ao seu posto de combate, e de então até dia 20, iam combater e impellir o inimigo sem descanso, para o repellir para detrás do Lys.

De 19 a 20, marcando cada dia um novo progresso e precedendo a Infanteria, as vanguardas das Divisões de cavalaria varriam o terreno, tomavam ou faziam cahir os derradeiros pontos de resistencia do adversario, e atingiam o Lys.

Em quanto que nas linhas de combate as tropas francesas, com o concurso de alguns esquadrões, a lucta se localisava

em torno dos pontos de passagem, conquistados graças a uma lucta violentissima, mais ao Sul, a 4.ª D. C. prestava apoio de uma parte das suas forças ás tropas britannicas que progrediam para o Escaut.

A situação que se mantivera por assim dizer estacionaria até ao fim do mez de Outubro, tomava nova envergadura com os ataques de 31 de Outubro e 1.º de Novembro que nos davam todo o território entre o Lys e o Escaut, e repelliam os allemaes para sobre a margem Este do Escaut. Os grupos d'A. C. A. M., postos á disposição das unidades d'Infanteria, cobriam-se de gloria, arrojavam-se até as portas de Gand, tomavam o Castello d'Heirieghehem, eram os primeiros a entrar em Eyne, em Heverene, em Audenarde, faziam muitas centenas de prisioneiros, capturavam baterias, infligiam aos allemaes perdas crueis e desorganizavam toda a velleidade de resistencia.

Depois de nova paralysação que durou até ao dia 10 de Novembro e que foi laboriosamente aproveitada em estabelecer passagens sobre o Escaut, em transportar munições, em reparar e reconstruir vias de communicações que se tinham tornado excessivamente precarias, em razão das destruições systematicas pelo inimigo executadas, ia finalmente soar a hora da prosecução da intensiva exploração dos nossos exitos repetidos.

No dia 11 de Novembro, as 6.ª e 4.ª D. C. transpunham o Escaut e ultrapassando as primeiras unidades d'Infanteria, marchavam com todo o arrojo para a frente. A vanguarda da 4.ª D. C. atingia Botheghem e Hundelghem. A vanguarda da 4.ª D. C. entrava em Grammont a mais de 16 kilometros adiante dos primeiros elementos d'Infanteria, impedindo o inimigo de fazer saltar as pontes do Dendre: assim, o caminho de Bruxellas achava-se aberto.

A conclusão do armisticio foi o motivo unico que impeditiu a cavallaria de colher o fructo dos seus labores e das suas fatigas. O exercito allemao estava á sua mercê.

Não tracei aqui uma exposição sumaria das operações dos combates do 2.º C. C., desde Março a Novembro de 1918; seria mister referir tambem as fatigas excepcionaes supportadas valente e alegremente, as noites passadas sem

lormir, e as extensas horas decorridas sob a acção dos tiros mortíferos; dizer quantas estradas e caminhos foi necessário estabelecer, as pontes que tiveram de ser lançar debaixo do fogo dos canhões e das metralhadoras, as privações e sofrimentos supportados na zona devastada das Flandres, sem abrigo, sem caminhos na lama, com uma humidade persistente, capaz de quebrantar ainda a coragem de melhor tempora.

Pelo vosso bello humor, pela vossa disciplina, pelo vosso ardor na peleja, pela vossa confiança inabalável no triunho final, soubestes dar aos vossos camaradas as outras armas um magnífico exemplo; tão sómente ajudastes a Infantaria na sua laboriosa tarefa, mas lograstes reconfortar, estimular-a, fazel-a seguir vossos passos, pontando-lhe sempre o caminho da honra e da Victoria, abrindo-o diante d'ella.

Pelas vossas virtudes militares justificastes plenamente a inabalável confiança que em vós todos depositei. Depois de ter em horas tragicas salvado a França em perigo, quando os combatentes extenuados prestes a suspender a lucta, viestes encar na balança as reservas de energia de fé contidas nos vossos corações, e fazer renovar o ardor vitorioso da batalha.

Não tivestes a alegria da cavalgada final. Detidos em 11 de Novembro, as primeiras horas em que ieis perseguir o inimigo em fuga, pelo gesto de piedade a França, vós perdoastes aos vencidos.

## Manobras de Cavallaria

Extractos do Relatório do Exm.<sup>o</sup> Sr. General P. Moraes Castro, Director das Manobras

Com a oficialidade em circulo e as cartas do Director das manobras sobre tocha mesa de caminha, usaram sucessivamente da palavra, para fins prescriptos no numero 60 do R. M. E., chefes de partidos, commandantes de corpos e officiaes que tiveram missões especiais, assim como os árbitros.

Em seguida falhou o director das mesmas manobras mais ou menos nestes termos:

Srs. officiaes. — Como commandante da antiga 10<sup>a</sup> brigada de infantaria, — actual 6<sup>a</sup>, no relatório relativo ao anno de 918, entre estas cousas, disse eu:

«E' nos campos de manobras, escolhidos a propósito — unidades concentradas — que a instrução ministrada nos quartéis e nos apartamentos e corredores das proximidades das guarnições se corrige, se completa e se amplia; que lhe imprime fiscalização assídua, permanente,

rigorosa e plena, e se lhe dá efficiencia real; porque n'elle as cousas e as accções se assemelham à realidade da guerra. E' n'elles que o golpe de vista e a perspicacia para conhecer, appreender e aproveitar as posições e as situações táticas se aguçam, se desenvolvem e se apuram, assim como o habito de ver com clareza e presteza os erros do inimigo e delles tirar o melhor partido; que o valor da iniciativa se evidencia e firma; que o estímulo se generaliza e intensifica entre os que sabem e querem saber; que a capacidade de commando se mostra com a maxima nitidez, assim com a aptidão ou a inaptidão para adquiri-la; que bem se diferenciam os que nas fileiras são e poterão ser utiles, dos que n'ellas representam peso-morto, carga onerosa e inutil aos cofres publicos, porque são incapazes, na paz, como na guerra, da missão que a Nação lhes commetteu.

A efficiencia desse complemento indispensável da instrução alludida cresce na razão directa do numero das armas dos contingentes concentrados e do peso dos seus efectivos.

Por estas e outras razões eu trouxe para o commando desta brigada o propósito de concentrar-a annualmente em campo de manobras, conseguindo fazel-o, com o melhor exito, em 915 e 916, porque lhe deram decisivo apoio e braço-forte os Generais G. Besouro e P. Bittencourt, que então comandavam a Região.

Em 917 decidira o commando desta que, com a incorporação de contingentes das diversas armas, de modo a permitir a pratica dos seus principaes papeis e dos auxílios mutuos que se devem, logo das suas accções combinadas, se concentraria ella (brigada) no município São João do Montenegro.

Infelizmente, depois do apparelhamento de tudo para esta concentração, contingencias do nosso estado de guerra com a Alemanha e da aggressiva e depredadora greve da viação ferrea do Estado a impossibilitaram.

No anno ultimo a peste denominada gripe-hispaniola, accomettendo a quasi totalidade dos efectivos das unidades, não permitiu, sequer, a realização das chamadas manobras de guardaço, em regra, de efficiencia reduzida, senão nulla, porque, também em regra, se afastam ou desassemeijam do que se passa na guerra: as posições e os terrenos então a ocupar e utilizar de preferencia são considerados inacessíveis, e os potreiros e corredores — estes aperitadíssimos e aquelles de areas curtíssimas — em que elles se effectuam não concedem que se pratique mesmo o essencial do serviço de campanha, a começar de seu *br* — o de segurança —, impondo, sobretudo no que se refere a distancias, a contingencias das hypotheses que os nossos regulamentos de instrução condemnam com muito acerto.

O ponderado é de feição a legitimar ideal meu e de outros quanto ás manobras da Região: ao iniciar-se o periodo de instrucción da escola de regimento dar ás suas unidades a voz — rumo do Saycan, com os porprios recursos, marche! (sem cadencia para a infantaria e ao passo para as armas montadas).

Estas marchas — iniciadas e realizadas segundo um plano defensivo — dariam excellente oportunidade á pratica larga e efficiente dos serviços referidos — de campanha, e o Saycan seria campo vasto e proprio para completal-a

fectuar as manobras de brigada e de divisa — de dupla ação.» assim o disse e durante largos meses em no corrente anno, estive no commando da citada Região, aos que commigo conviviam e stavam diariamente affirmei, sempre, que se permanecesse até o periodo das manobras tais realizaria esse ideal, se não lhe negasse anunzia as autoridades superiores.

mesmo pensamento trouxe para ella (Região) o illustre chefe que ora a dirige, decidindo encarar a sua execução com as manobras de cavalaria que neste momento aqui nos reunem. E é decidindo, depois de obter o assentimento Sr. General Chefe do Estado Maior para efectivar, organizou as respectivas instruções programma.

e tudo isso só tive sciencia quando daquelle e recebi, de viva voz, a honrosa incumbência de dirigir as manobras projectadas, as actuaes. pesar da uniformidade dos nossos pensamentos e propósitos quanto à concentração das tropas da 3<sup>a</sup> Divisão do Exercito em manobras no Sayan, declarando-lhe não saber fugir dos possos que os meus chefes me indicavam, nem esquecer-me do desempenho das funções que me mettiam, ponderei-lhe:

que nas armas montadas, cavalaria e artaria, apenas se iniciavam os exames do 2º periodo da instrução regulamentar;

que as unidades destas armas, além de mal servidas de materiaes e sobretudo de animaes, tiveram e mantinham a maioria destes no topo, sem os forragear;

que com animaes assim mantidos o mes de Novembro era nesta Região dos menos propícios para tais manobras, porque então o estado de fraqueza dos mesmos se extremava em consequencia de se fazer a arrebentação dos caminhos em regra, na primavera — fins de Setembro; que o valor desta consideração se avolumava no caso, em vista da anormalidade das estações do presente anno, inverno retardado, accendo na primavera, logo arrebentação referida tada em Outubro, completa e plena em Novembro, o que é dizer, fraqueza extrema dos mesmos precisamente no periodo das manobras, estribado nestas ponderações, conclui affirmando que se estas tropas lograssem atingir o topo de manobras, o fariam desarticuladas, de mal montadas, parte a pé, com cavalos desfresty, e parte ainda a pé, sem cavalos, de chos às costas, logo impossibilitadas dos indispensáveis serviços de informações, de exploração, de cobertura, de ligação, etc., e até de desenvolverem ou se disporem para combater e combaterem como armas montadas que são. decidido, embora o ponderado, foi mantido, e, como o dever impunha, occupei, com a responsabilidade em resalva, o posto que me foi designado, certo de que nelle me veria, s uma vez, na contingencia de pôr a nus as armas e ações das armas referidas para a efficiente defesa da Nação.

e isto implicava um serviço indirecto a essa causa e ao nosso Exercito, me aterrorisava a ideia da possibilidade de olhares experimentais de tecnicos de outros exercitos; a respectiva responsabilidade em resalva, o posto que me vinha. Por isto mesmo o meu estado maior, por mim inspirado, utilizou, com proveito, a mesma versão.

Contra a minha expectativa, as concentrações e manobras se fizeram, umas e outras apenas com retardado de 3 dias, apesar das suas marchas, do começo ao fim, coincidirem com chuvas e temporas de exceção, com encheente identica que dos rios fez as águas romperem as respectivas caixas, inundando os vargeados marginares, dos arroios rios fez, como das sanguinolentas e dos terrenos molles legoas de atoleiros, tornando, assim, mais pesadas, escabrosas e difficéis as nossas estradas de rodagem, de conservação secularmente descurada e em absoluto abandono, desde que a nossa viação ferrea pôde atender ás mais imperiosas exigencias dos transportes.

Mas, se fizeram em consequencia da concurrencia harmonica de providencias impulsoras, promptas e energicas, do commando da Região e desta Directoria, dos auxilios, tambem promptos, multiplos e valorosos que lhes prestaram civis e as unidades e, acima de tudo, no inexcivel valor moral e physico das tropas, dos officiaes e praças.

De animo forte e firme, elles encararam todos os elementos que a natureza podia congregar para obstar e entravar as manobras de cavalaria que pela primeira vez se realizavam nesta Região, com elles se puzeram em contacto, os enfrentaram e delles triumpharam, com galhardia e admiravel bom humor.

E porque tudo isto constitúa ponderavel factor do preparo das tropas para a guerra, logo para a defesa nacional, bemdigamos as manobras que lhes deram oportunidade de o palpar e adquirir.

Bemdigamol-as tambem por terem posto em clara evidencia, não sómente a alta, complexa e comprovada **resistencia do nosso cavalo creoulo**, apesar da degenerescencia em que o deixaram as nossas criminosas incuria e imprudencia, como a necessidade e o dever de o forragear com extremado zelo, sem desvio de um real dos quantitativos a isto destinados, de par com a de atacar com firmeza e solucionar com presteza o magno e sempre momentoso problema da remonta, que presumo ter posto nos seus melhores termos, encaminhando e iniciando a respectiva solução, como director e fundador da Condelaaria e Fazenda Nacional do Sayan.

Bemdigamol-as ainda por nos terem mostrado que urge libertar a nossa cavalaria de uma impedimenta que, pelo volume e peso, no nosso meio e nos nossos provaveis theatros de operações lhe é e será trambolho que encurtará e entravará a sua propriedade prima — a velocidade —, bem como de sellas que são, para o cavalleiro e sobretudo para o cavalo, instrumentos de supplicio, de molde a tornarem os ultimos imprestaveis no fim de poucos dias de marcha.

Bemdigamol-as, finalmente, por nos terem permitido o ensejo de testemunhar o ardor patriótico, inegottavel e communicativo, com que um de vós, de valor e competencia comprovados em serviços de paz e guerra, o capitão António Menna Gonçalves, cogitou do problema de aligeirar a nossa pesada artilharia a cavalo e de habilitá-la, com dispendios ao alcance dos recursos dos conselhos administrativos das respectivas unidades, a acompanhar a arma irmã, a cavallaria, nas estradas como as nossas (pessi-

mas) e através dos campos, sem que os rios, os arroios e as sanguas a detenham e a entrem, e o de aplaudir o éxito experimental com que aqui, a cerca de 2 horas, deu-lhe solução.

Taes são e foram os reparos e as observações que a condição de director da manobra de mais vulto realizada nesta Região Militar, logo o dever de a criticar, me obrigou a fazer, uns verbalmente em vista dos informes orais dos chefes dos partidos e dos repetitivos arbitrios e outros sugeridos pelos detalhes dos seus relatórios e os dos auxiliares do serviço de estado maior da divisão de manobras, os quais acompanharam suas brigadas.

Referem-se elles — reparos e observações — a senões e falhas de ordem estratégica e, sobretudo, de ordem tática, à inobservância e a infracções da nosso R. S. C. e à causa *prima* de tudo isto — o hábito, que só a continuidade das manobras pôde destruir, de mal nos penetrarmos das situações em que os respectivos themes nos collocam, isto é, de não fazermos nas manobras de paz o que fariamos na guerra.

Elles não diminuem o valor da manobra executada, nem matam estímulos, ao contrário, os aumentam, dando-nos e generalizando a convicção de que ella, como as respectivas marchas de concentração, apesar das causas desses reparos e observações, constituiu aprendizagem utilíssima, tanto para quem os faz quanto para os que se conduziram de modo a motivá-los. E por ser assim, é de esperar que os esforços destes e daquele, como os de todos os que nella tomaram parte e a acompanharam, se intensifiquem e se façam *aa* no sentido de que outras de envergadura sempre crescente, se realisem anualmente, sem interrupção, como exige o nosso preparo — do exercito — para a defesa eficiente da soberania, da integridade e da honra da nossa Patria.

#### CAMPANHA DE TIRO

##### De cavallaria

##### *Critica d. Director*

Terminado o ultimo exercicio, no proprio terreno em que elles se realizaram, em presença de toda a oficialidade da divisão de manobras, disseram a respeito, os criticando de modo favorável, os commandantes de regimentos e de brigadas, cada um sobre a unidade de seu comando.

Em seguida o director das mesmas manobras, lamentando discordar dos que o haviam precedidos na critica, fez a sua nos termos que abaixo reproduz tanto quanto lhe permite a memoria:

Já muito antes da grande guerra europeia que vem de findar, a experiência derrocara o velho *princípio* segundo o qual o combate a pé era para a cavallaria apenas um desagradável recurso imposto pela defensiva.

As guerras franco-prussiana, anglo-boer, russo-japoneza e a cavallaria aliada nas batalhas chamadas de Iser na recente finda, encheram a historia militar de brigantes successos dessa arma combatendo a pé, na defensiva e na offensiva.

Na contingencia de assim fazel-o se verá ella, como se tem visto, muitas vezes, e o seu successo

dependerá, sobretudo, do emprego judicioso e opportuno dos seus fogos, logo de seu fuzil e de uma instrucção solida e completa de tiro. A do de combate, especialmente no ataque (offensiva), não se restringe á conducta da tropa e do chefe no ponto de vista da tactica da direcção e da disciplina do fogo — n. 147 do R. T. C. — (conduzir-se de modo a aumentar a efficacia do seu proprio fogo e a reduzir a do inimigo, logo aproveitando todos os elementos e circunstancias a uma e outra causa favoraveis). Estende-se tambem e capitalmente á marcha de approximação que, em synthese, reduz-se a conduzir a tropa ás posições de fogo, tanto quanto possível, abrigada das vistas e dos fogos inimigos ou a expôndo o menos possível a estes fogos — logo com o melhor aproveitamento do terreno e nas formações que lhe offereça menor alvo. E desta marcha é preliminar indispensável o reconhecimento do terreno e do inimigo.

Na arma considerada, essa instrucção vai aos cuidados exigidos pela garantia e defesa dos cavallos de mão, porque sendo o cavalo elemento essencial e *primo* da propriedade *prima* dessa arma — a velocidade —, condição *ante qua non* da propria arma, são elles alvo constante das vistas, dos fogos e, não raro, de surpresas do adversario.

Está feita a minha critica.

Os reparos que elle encerra não são de moldes a amortecer estímulos, mas, de inspirar os, creal-os e intensifical-os.

Elles terão a utilidade de evitar que as falhas que os motivaram reincidam ao que as commetteram, provocando, ao mesmo tempo, relações mais estreitas, intimas e assíduas com os nossos regulamentos de instrucção e os livros de tactica na parte que se referem ao combate a pé desta arma.

Disto é garantia a nossa honestidade profissional, porque dela se deriva, inílluvial e imperioso, o dever do maior e do melhor esforço no sentido do nosso preparo para o efficiente desempenho, tanto na paz quanto na guerra, da ardua missão que a Nação nos commetteu.

## Notas á margem

### Ao R. T. A.

(Conclusão)

O art. 107 diz que no caso de objectivos em movimento observando-se que a distancia de um tiro curto ao objectivo não é maior do que a grandeza do garfo que se tencionava formar (pouco aquem) tomase a alça correspondente como limite curto do garfo; e nós pensamos agir de acordo com o art. 4 do R. T. A. si, observando que a distancia de um tiro longo ao objectivo não é maior do que a grandeza do garfo que tencionamos formar (pouco além) tomamos a alça correspondente como limite longo do garfo, e

da mesma forma pensamos agir dentro do espirito do regulamento, se assim procedermos quer em relação aos objectivos em movimento, quer em relação aos objectivos fixos, e tanto em tiro de tempo, si tivermos determinado o conector do garfo, como em tiro percutente. (1)

Estabelece o art. 115 como principio fundamental, repartir desde logo o fogo sobre todo o objectivo e que em qualquer dos processos de pontaria, quando o feixe tenha de ser repartido sobre uma frente maior ou menor do que a da bateria, bastará commandar um escalonamento additivo ou subtractivo igual ao terço da diferença de frente.

Pensavamos que a esse respeito não houvesse duvidas, maxime agora que uma nota do R. T. A. esclarece quaes os limites a tomar na medição da frente do feixe quando o objectivo é uma linha pôde-se dizer quasi continua, em vez de ser formada por pontos separados, com grandes intervallos, que exijam o tiro á risca, como acontece por exemplo, quando esse objectivo é uma bateria em acção; e por isso causou-nos extranheza ver alguns camaradas commandarem  $1/4$  em vez de  $1/3$  da diferença de frente, em desacordo, portanto, com o que preceitua o Regulamento.

Crêmos ter encontrado agora a expliçação do absurdo, pois o attribuimos ao resultado da leitura pouco attenta de umas observações que ao R. T. A. fez o Sr. Major Castro e Silva e que se nos depararam em um de entre diversos numeros da Revista de Artilharia que a obsequiosidade de um amigo fez chegar ás nossas mãos.

Na observação ao art. 68, que é a que nos interessa, o auctor fala em  $1/4$  da frente total, nenhuma vez, porém, em  $1/4$

(1) *N. da R.* — Quanto ao tiro percutente a applicação da regra 107 é taxativamente prescrita pelo R. T., no 109. Quanto á generalisação para o tiro longo, é realmente um impelo espontaneo da primeira reflexão abstrata. Mas, pensando mais, descobre-se que houve razões em ter o R. T. resistido. Pense-se no funcionamento da munição e no movimento do objectivo.

E quanto aos objectivos fixos tambem o que se deve concluir é que o R. T., tendo posto a sabia regra geral do art. 4 *in fine*, não quiz todavia autorisar neste caso um desperdicio de munição em troca de uma efficacia apenas duvidosamente mais prompta, quando há menos pressa.

da diferença de frente; houve confusão de quem leu e commandou escalonamento de  $1/4$  da diferença de frente, depois de levar a bateria ao regimen do parallelismo.

Diz o Sr. Major Castro e Silva que se os intervallos entre as peças são taes que cada uma bate com efficacia a cada disparo de sht, a metade de um intervallo de cada lado do seu plano de tiro, a frente total batida pela bateria de traectorias paralelas é igual a  $1$  e  $1/4$  da frente da bateria: ha engano, pois em condições taes a frente batida é igual a  $1$  e  $1/3$  da frente da bateria.

Adeante, fazendo uma distinção entre frente de objectivo e frente de tiro, acha que se pôde estabelecer como regra geral para repartição do fogo um escalonamento de derivas igual ao terço da frente de tiro, quer se trate de objectivos cujas extremidades constituem os pontos sobre que devem incidir os tiros das peças extremas, quer se trate de objectivos nos quaes esses pontos devem ficar um pouco para dentro das extremidades como no caso de uma linha de atiradores, mas isso tão somente no caso de não ser preciso ceifar, distinção essa que não nos parece deva existir.

No caso de ser preciso ceifar, não ha duvida que a frente de tiro é a extensão do objectivo comprehendida entre os pontos sobre que devem incidir os tiros extremos, mas o escalonamento só pôde ser igual ao  $1/4$  da frente total ou, o que tanto vale, igual ao  $1/3$  da frente comprehendida entre os meios dos quartos extremos, si os planos de tiro das peças extremas passarem no fim da operação pelos meios dos quartos extremos já referidos, ou por pontos afastados um do outro de uma grandeza igual a  $3/4$  da frente total do objectivo.

E quanto á deriva inicial deve ella referir-se sempre ao ponto médio a ser batido pela peça base quando na ceifa fôr commandado um numero impar de grupos de tiros, ou o ponto medio entre os diferentes pontos a serem batidos pela mesma peça base quando o numero de grupos commandados fôr par.

Não é nada pratico, entretanto, que a preocupação de bater com efficacia os extremos do objectivo, leve a procurar-se os pontos sobre os quaes devem incidir os tiros extremos para depois procurar-se o meio de um dos quartos da extensão

prehendida entre esses pontos, e sobre elle apontar a peça base, comandando-se em seguida o escalonamento do 3 da frente de tiro, que não será mais, não excepcionalmente, igual ao 1/4 da frente total do objectivo.

Não ha negar que os extremos do objectivo serão batidos regularmente, mas será sempre mais facil, e os resultados serão quasi os mesmos, pois apenas poderá acontecer que os tiros extremos da ceifa batam o terreno á direita e á esquerda do objectivo, si se apontar a peça base sobre o 1/2 do quarto extremo da frente total.

E essa maneira de proceder estará de acordo com o regulamento, o escalonamento será sempre igual a 1/4 da frente total ou ao 1/3 da frente compreendida entre os meios dos quartos extremos. E como pelo espirito do nosso regulamento, ainda mais confirmado pelos nossos processos de pontaria, a bateria é sempre levada ao regimen do parallelismo, segue-se que o que é preciso calcular realmente, quando a frente do objectivo, medida como manda o regulamento, é maior ou menor do que da bateria, é o escalonamento suplementar necessário para abrir ou cerrar o feixe, e esse supplemento é sempre igual ao 1/3 da diferença de frente.

Não quer isto dizer que se deva tornar imenso os planos de tiro paralelos para pois abrir ou cerrar o feixe, não, o escalonamento suplementar do 1/3 da diferença de frente deve ser sommado em seu signal ao de parallelismo, e a ento ser transmittido ao apontador, tanto assim, que julgamos condemnavel processo que alguns seguem de apontar primeiro a bateria á luneta, e comandar depois o escalonamento suplementar de repartição, quando o material seria transmittir a cada peça a curva convenientemente aumentada ou diminuida do 1/3 da diferença de frente.

Capitão *Gepe*.

**Operação na Redactoria** Com a reabertura dos trabalhos na Escola Militar o Sr. capitão Euclides de Oliveira Figueiredo, cdte. do esquadro, verificou que absolutamente não lhe é possível continuar no cargo de redactor efectivo desta revista.

Seu substituto previsto, 1.º tenente Maciel da Costa, assumiu o lugar.

**A Escola Militar** conseguiu, este anno, iniciar seus trabalho na época regular.

Não obstante as dificuldades oriundas de um efectivo considerável, para o qual a escola ainda não está apparelhada, a administração continua no louvável esforço para cumprir o regulamento, experimentando com boa fé as disposições novas, tendentes a melhorar o recrutamento dos officiaes do primeiro posto.

Cumpre notar que o efectivo da E. M. muito pouco poderá baixar do actual, pois elle deve ter perfeita relação com as vagas dos quadros de officiaes; ora a média destas por anno anda em duzentos, este deve ser pois o numero de recrutas da escola, donde um efectivo de cerca de seiscents para os tres annos.

Nos trabalhos que a M. M. F. está iniciando, encontrarão os nossos camaradas professores e instructores da E. M. um novo e patriótico incentivo; mas ainda é principalmente das autoridades administrativas que deve partir o maior impulso, praticamente traduzido nos recursos de toda especie e que ainda sejam insuficientes para o ensino.

Ao lado destes é indispensável executar o art. 177 do regulamento vigente para a E. M. — preparadores estrangeiros para os gabinetes. Elle atinge um dos pontos capitais da reforma ideada e, apesar da sua modesta apparencia e do pequissimo sacrifício que trará aos cofres publicos, se reflectirá beneficamente em todo o ensino da escola. Assim terão os novos officiaes menos probabilidade de serem submettidos mais tarde a uma humilhante repetição de estudos oficialmente feitos, porque o governo tenha consciencia de não ter proporcionado com oportunidade os recursos necessarios ao ensino.

Outra disposição que precisa de facilidades para ser executada é a que se contém no n.º 2 do art. 91: as lições escriptas não só constituem um poderoso elemento para a fiscalização do ensino, como facilitam extraordinariamente o trabalho do alumno. Esse processo tambem foi adoptado pela M. M. F. e é de elementar justiça que se reconheça para a E. M. o direito a todos os recursos indispensaveis á sua realização.

Com certeza a E. M. será contemplada na distribuição de todo o material moderno que for adquirido e assim tambem na remonta que se está fazendo, pois o numero de cavallos de que dispõe a E. M. não é suficiente; força é, porém, convir que o numero que actualmente existe não é suficiente desculpa para se não dar aos alumnos do segundo anno de infantaria e de engenharia uma aula de equitação por semana, como desde o inicio do anno passado manda o regulamento.

Convém, evidentemente, que se facilitem á E. M. todos os recursos capazes de permitir um exame da nossa capacidade para ensinar e entender o que por ahi se escreve. Neste mesmo sentido foi muito acertado o aumento do numero de auxiliares de instructores da infantaria e da artilleria.

Resumindo estas observações, lembramos que não ha no Exercito um instituto onde melhor

justifique todo e qualquer sacrifício orientado para o seu aperfeiçoamento. Sempre será difícil modificar os maus hábitos os defeitos do ensino na Escola Militar, mas mesmo se dará com as virtudes cívicas e militares nella incutidas.

## PONTARIA INDIRECTA DO NOSSO 75

(2.ª edição)

PELOS

Capitães Klinger e Mascarenhas de Moraes

Desde meiado de 1919 está exgotada a 1.ª edição, pertencente á Bibl. do 4.º R. A. O tempo que ella levou a se diffundir entre nós, officiaes e praças da arma —dous annos para centecentos exemplares — devia ser um indice bastante expressivo para não se pensar em reproduzi-la.

Não obstante, muitos têm sido os incitamentos á reedição, quer por parte de camaradas que só agora tem tido conhecimento da existencia do livrinho, quer por parte de alguns bons amigos que lembram a utilidade delle para o renovo dos cadetes da artilharia.

Occorreu-me então acrescentar ao folheto uma 2.ª Parte, constituída de exemplos, no genero os do «Club de Tiro a Giz» de S. Gabriel, alguns dos quaes estão publicados n.º «A Defesa Nacional»; porém com uma circunstancia particular a que empresto a mais alta significação:ão ser essa parte feita por mim. E encontrei o competente e estudo camaraada capitão João Baptista Mascarenhas de Moraes o intelligent collaborador que eu desejava.

Não me detiveram do proposito a circunstancia de que os nossos regulamentos estão submettidos a uma revisão pela missão militar francesa e o facto de que a grande guerra generalizou o emprego dos recursos de pontaria que reduzam ao mínimo, se não eliminam de todo, os calculos de paralaxes — p. ex., ponto de pontaria bem no flanco, ou á retaguarda e muito longe.

Este trabalho terá sempre um valor, pelo menos historico, como solução brasileira do problema contemporaneo da pontaria indirecta, alçada á suprema generalização, com a maxima simplicidade.

Aproveito o ensejo para agradecer muito sinceramente a sympathia que mereceu «A pontaria indirecta do nosso 7,5» na primeira tiragem.

Animado unicamente por ella é que empreendemos a reedição.

Ei-a.

Rio de Janeiro, Março de 1920.

Bertholdo Klinger  
Capitão.

## PRELIMINAR

(Da 1.ª edição)

No correr do periodo de instrução de bateria deste anno houve no 4.º R. A., sem exagero, uma vida nova de trabalho intenso — tanto quanto era compativel com o reduzido efectivo de praças, a falta de subalternos, pois não havia nas baterias senão o seu edte, e sobretudo com a inteira abstracção das parelhas. (1)

Estas na dura estação provinciana ou aprendem a esperar ou vão morrendo de magreza, no dizer *sans gêne* dos artigos do boletim regimental. A esperar, pelo fornecimento da firma todopoderosa Primavera & Verão...

Naquelle estado de espirito houve ensejo de convergirem as cogitações dos seis edtes, de baterias para o terreno limitado das questões relativas á technica do emprego de uma bateria, e especialmente á sua pontaria indirecta. (2)

Aventou-se então a idéia da reedição dos trabalhos a esse respeito por mim publicados em 1913 no *Boletim do Estado Maior do Exercito*, cujos numeros estão exgotados e nem todos os officiaes os possuem.

Verdade é que a summula desses trabalhos está desde 1914 incorporada ás nossas disposições regulamentares (anexo do R. T. A.), (3) mas não é da nossa indole, mórmamente com a hypertrophia theorica soffrida nas escolas militares, nos conformarmos em applicar *regras*, sem lhes perquirirmos o como e o porque.

E aquella idéia talvez lançada sem maior reflexão numa roda de quartel — faz questão de assim chamal-a para escandalizar a acepção antiga desse *instituto militar* — avolumou-se e me impôz a realização.

Ahi está porque agora volto ao assumpto.

\* \* \*

Mas também ha um outro motivo. Coincide com a mesma época a idéia utilissima da fundação de um *club de tiro a giz*, assim definido no art. 1 de seus estatutos:

«Este club, fundado entre officiaes do 4.º R. A., tem por objectivo familiarizar os seus socios com os diversos problemas do tiro de uma bateria, mediante exercícios apropriados, especialmente sobre themes de tiro na forma prescrita pelo R. T. A. (Compl.), (4) exercícios feitos sem pessoal, sem material (excepcionalmente com uma ou mais lunetas de bateria), e sobretudo, sem munição: a giz, lapis, a tinta». (5)

A mim me pareceu em vista dessa associação, onde as questões da pontaria indirecta haveriam de ser estudadas, diminuir de significação o citado projecto de reedição. Entretanto encontrei, para satisfazer os desejos que todavía

persistiam, esta solução: não fazer uma simples repetição, emprehender porém uma coordenação completa do assumpto e publicar então, pela primeira vez, uma simplificação importante para o emprego do ponto de pontaria, a qual veio relegar para os museos a gravimoda regra dos signaes.

São Gabriel, Setembro de 1916.

Bertholdo Klinger  
1.º Tenente.

*Notas da 2.ª edição*

(1) De todos estes males só estão sanados hoje em dia o da insuficiencia das praças e dos subalternos. Ha, em troca, um novo mal: aspirantes e segundos tenentes recem-sabidos da Escola commandam bateria. A Escola Militar, de um modo geral, forneceu este anno excellentes instrutores de recrutas, mas elles não deviam, ao chegar na tropa, ser logo assoberbados com a responsabilidade de dirigirem a instrução de sua unidade, disciplinal-a e administrinal-a — coisas das quaes é humanamente impossivel obter sufficientes notícias na Escola.

Quanto á «inteira abstracção das parelhas» exultamos com a expectativa de que será este o não menor dos serviços a prestar pela «missão» á nossa tropa montada. Sua voz, por ser de es, trangeiros — é duro dizer-o, mas é a verdade — será ouvida.

A nossa remonta não é tanto uma questão de raças ou de tipos, de «cavallos de guerra» ou de «cavallos d'armas», crioulos, ou mais ou menos dosados em pureza de sangue (?): é questão de forragem, argola, manutenção de treinamento.

(2) Questões estas que ao tempo eram muito confusas, graças principalmente à profusão pendentes dos casos especiaes, á orgia de formulas e figuras, com que a alguns empazinava a sabedoria livresca de importação, deglutiida sem o «pronto digestio in ore».

(3) O R. T. A. 1914 foi a primeira etapa na renovação dos R.º da artilharia; por isso elle trouxe aquelle annexo, com o qual urgia encaminhar melhor o problema da pontaria indirecta; seguiu-se-lhe o Complemento, de 1916, e depois o 1.º volume do R. E. A., em 1917, completado com o 2.º em 1918. O R. E. A. abrangeu, devidamente, todas as questões da pontaria (parte 1.ª: escola do servente e escola de bateria) as quaes então foram eliminadas no novo R. T. A. 1919, revisão e unificação do de 1914 com seu Compl.

(4) O R. T. A. 1919 officialisou expressamente o «tiro a giz». Vd. art. 193, 3.ª proposição.

(5) Não é demais consignarmos aqui uma homenagem aos *themas de tiro*: reflecta um instante o leitor que tem acompanhado o trabalho da nossa artilharia de campanha — talvez tambem collaborador do mesmo — que relevante serviço prestaram elles á instrução da arma nestes 5 últimos annos! Que pena não se poderem formular *themas de tracção... a giz!*

Capitão Klinger.

1. A PONTARIA INDIRECTA. Generalidades. Elementos da pontaria indirecta. Comparação entre a pontaria directa e a indirecta. O sentido unico e constante da graduação das nossas lunetas. Regras para a medição de angulos. Modos de pontaria indirecta. O feixe dos planos de tiro da bateria.

**Generalidades**

*Visar um ponto para atirar em outro, eis a pontaria indirecta.* O aperfeiçoamento dos aparelhos de pontaria, para nós a luneta panorâmica, é que veio modernamente tornar tal artifício, de applicação corrente, facil e precisa; sua influencia sobre o emprego da arma traduziu-se na preponderancia das posições cobertas. (1)

Não quer isso dizer que a pontaria indirecta só se applique nas posições cobertas. O nosso R. T. A. é clarissimo a respeito:

«6a. A pontaria directa só deve ser empregada contra objectivos bem visíveis aos apontadores e que possam com facilidade ser indicados precisamente, assim como contra objectivos em movimento aos quaes possam os apontadores acompanhar com a pontaria.

*Fóra dessas condições, a primeira pontaria em direcção deve ser obtida pelo emprego de um ponto de pontaria collectiva, ou da luneta de bateria, ou ainda da pontaria reciproca sobre uma peça-base; emprega-se qualquer desses processos tanto em posição coberta como descoberta...» (2)*

O Compl. do R. T. A. (1916) establece nos seguintes termos o emprego da pontaria indirecta em posição descoberta:

«31. No caso do tiro directo» (expressão evidentemente empregada na accepção de: tiro em posição descoberta) (3) «a designação do objectivo deve ser clara, inconfundivel e curta. Se não for possível uma designação sem longas explicações deve-se recorrer a um ponto de pontaria facil de designar».

Não custa reconhecer que esta disposição complementar da do citado art. 6a: fóra das condições definidas em que se deve empregar a pontaria directa, cabe a precedencia ao ponto de pontaria; si tal não houver, facil de designar, então se applicará um dos outros modos de pontaria indirecta.

(1) Na *A Defesa Nacional*, n.º 28, publiquei uma synthese sobre a pontaria indirecta, com a qual iniciei o estudo «O emprego da artilharia de campanha reduzido ás noções para todos».

(2) (N. da 2.ª ed.) — No R. T. A. 1916 tomou esse artigo o n.º 50.

(3) (N. da 2.ª ed.) — No R. T. A. 1919 esse mesmo artigo tem o n.º 201 e começa assim: «No caso da pontaria directa...»

### os elementos da pontaria indirecta

Se imaginarmos a epura (4) de um canhão a pontaria indirecta, teremos na projecção sobre o plano horizontal a linha de tiro e a linha de visada, na projecção sobre o plano de tiro a linha de tiro e a linha de sitio. Aliás os os dois elementos de pontaria indirecta: no sentido horizontal, isto é, em direcção — a linha de visada; no sentido vertical, isto é, em altura — a linha de sitio.

O primeiro é fixado pelo angulo de visada — *deriva*; corresponde à diferença de direcção entre o plano de visada e o plano de tiro.

O segundo é fixado pelo *angulo de sitio*, anulo da linha de sitio com a horizontal; é o que leva em conta a diferença de altura entre o canhão e o objectivo.

Portanto, na prática a pontaria indirecta caracteriza pelos dois elementos: deriva e anulo de sitio.

Isso não quer dizer que não possa um delles ser nulo, até ambos o serem.

Ter-se-á o *sítio nullo* (no nosso material representado pelo numero 200, para evitar os negativos), sempre que o canhão e o objectivo estiverem no mesmo nível.

*Deriva nulla*, ter-se-á quando o ponto de visada estiver na mesma direcção que o objectivo, este porém mais alto ou mais baixo, maiserto ou mais longe.

E' o caso das provas de pontaria indirecta no 1.º concurso de apontadores (*Boletim do R. E. A.* n. 427, de 20. 5. 15). (5)

*Sítio nullo e deriva nulla* haverá quando se unirem as duas condições precedentes, mas a distancia do objectivo seja maior ou menor que a do ponto de visada.

Se neste caso ainda desaparecesse a diferença de distancia coincidiria o ponto de visada com o objectivo, ter-se-ia então a pontaria directa.

Chega-se assim à pontaria directa como um caso particular da indirecta. Em outras palavras: a pontaria indirecta é a generalização do problema da pontaria.

### Comparação

Na execução da pontaria directa não se emprega o angulo de sitio porque este é directamente levado em conta, eliminado pela propria visada.

(4) (N. da 2.ª ed.) — O instructor substituirá — como em outros casos deste ensino — vocabulário e as imagens de acordo com os conhecimentos dos homens a que se dirija.

(5) (N. da 2.ª ed.) — Por motivo ignorado foi esta prova suprimida no R. E. A. 1917. Porém, logo, em Maio do anno seguinte voltaram a figurar no 1.º concurso 2 provas de «pontaria indirecta sem derivas». Ver anexo do 2.º vol. do R. E. A.

Entretanto, pode haver na pontaria directa uma deriva, em geral pequena, seja para corrigir o desvio causado por um vento obliquo ou normal ao plano de tiro, seja para levar em conta o deslocamento de objectivos moveis em direcção obliqua ao mesmo plano.

«R. T. A. 66. O commandante da bateria tem que eliminar a influencia do vento lateral ou do movimento transversal do objectivo, comandando antes do inicio do tiro uma deriva para toda a bateria.» (6)

Igual recommendação reproduz o art. 107, (7) tratando do tiro contra dirigíveis e aeroplanos.

Na pontaria directa pode-se tambem visar sem estar a zero o sitometro da luneta, quando se queiram assim corrigir as alturas de arrebentamento, fazendo a espoleta ser graduada igual à alça commandada, como no primitivo processo do T. R. 1905 (placa de regulação), ou quando se tratar de levar em conta o movimento ascendente ou descendente de objectivos aereos (vd. R. T. A. 107, fim), (8) ou finalmente quando assim se queira attender à componente longitudinal (segundo o plano de tiro) do movimento de objectivos terrestres. Esta ultima correção, porém, prefere-se fazê-la pela alça.

Resumindo: o que caracterisa para o apontador a pontaria directa e a distinguem da indirecta é que naquella: 1.º a visada é de duplo efeito, isto é, pela mesma visada dá-se ao canhão a direcção e a altura correspondentes ao objectivo; 2.º para esse fim as graduações da luneta devem estar a zero, salvo se for expressamente commandado para alguma delas algum valor (casos precedentemente expostos).

Na pontaria indirecta: 1.º a visada serve apenas para dar a direcção, ao passo que a altura correspondente ao objectivo é dada calando o nível do sitometro da alça; 2.º para esse fim a luneta recebe uma deriva e o sitometro da alça um sitio, ambos commandados, e o sitometro da luneta recebe uma graduação qualquer. Esta graduação ou deriva vertical da luneta absolutamente não influe no tiro, ella deve apenas ser tomada de modo a permitir a visada e esta, por sua vez, basta que seja feita de modo que o plano vertical que passa pelo cruzamento dos reticulos (plano de visada) — ou pelo vertice do angulo luminoso do collimador — cubra o ponto de visada. Por essa razão, para maior presteza se devem escolher para *pontos de pontaria* linhas verticais em lugar de pontos, pois mais depressa se lhes ajustará o plano de visada. (9)

(6) No R. T. A. 1919 é o artigo 113.

(7) No R. T. A. 1919 é o artigo 155.

(8) No R. T. A. 1919 é o artigo 155.

(9) Vér R. E. A. 36.

Mesma regra para escolha dos pontos de referência.

### O sentido unico e constante da graduação

Assim como o sitometro da nossa alça e o da nossa luneta fazendo o zero igual a 200 evitaram o emprego de negativos e a confusão que inevitavelmente resultaria de uma duplicidade de graduação á direita e á esquerda do zero verdadeiro, também a deriva apresenta, pelas mesmas razões de ordem pratica um sentido unico e constante, que para nós é fundamental na applicação da pontaria indirecta; a nossa luneta panoramica (a dos canhões ou da bateria) só mede angulos pela direita, isto é, no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio.

O indice do prato é o ponteiro pequeno, o do tambor é o grande.(10) Os mostradores são separados: o limbo do prato é o mostrador das horas, o do tambor corresponde aos dos minutos.

Por isso é que uma deriva muito pequena, á esquerda do zero, é expressa por um numero muito grande: embora o reflector tenha feito o pequeno deslocamento pelo caminho mais curto, isto é, pela esquerda, a graduação sendo numerada pela direita o valor indicado é igual ao que se obteria fazendo a volta pelo caminho mais longo, pela direita.

Uma consequencia immediata dessa constante do sentido das derivas é que aumentar a deriva desloca o plano de tiro (deriva zero) para a esquerda, diminuindo-a desloca o tiro para a direita.

Na observação dos tiros, portanto, um *desvio á direita* exige o commando *deriva mais*, desvio á esquerda, *deriva menos*.

*Nota.* — O sitometro da alça e o da luneta são, ao contrario da deriva, graduados pela esquerda.

### Regras para medição de angulos

Ainda o sentido constante da graduação da nossa luneta dá lugar ás seguintes regras para a medição de angulos, frentes ou intervallos millesimais, isto é, á determinação do valor absoluto desses angulos.

1.a) Sempre que possível visar a zero em primeiro lugar na direcção da esquerda — assim a deriva depois lida para a direcção da direita

(10) Ha uma diferença: os ponteiros é que são fixos, os mostradores (ambos) são moveis. Sempre tive proveito em utilizar essa comparação do relógio para os apontadores. Em geral, no começo elles erram na graduação e na leitura do prato quando o numero do tambor é maior do que 60. Erram por uma divisão isto é, 100%.

exprimirá directamente o valor absoluto do angulo das duas direcções.

2.a) Se a visada a zero começar pela direita para obter o angulo em valor absoluto é preciso subtrair de 6400 a deriva lida para a direcção da esquerda.

Na pratica decompõe-se assim a operação: no prato, quanto falta para 63? no tambor quanto falta para 100?

$$(6400 - 6300 = 100).$$

3.a) Se a visada não fôr feita a zero em nenhuma das duas direcções, obtém-se o angulo pela diferença das duas respectivas derivas.

4.a) Igual a este ultimo processo é o que se tem de applicar na medição de angulos verticaes, isto é, alturas millesimais, pelo sitometro da luneta.

Accresce que, quando se faz a visada pelo collimador o sitometro registra um angulo duplo do seu valor real. E' que pelo collimador se descreve um angulo central e pela luneta o angulo é inscripto no mesmo circulo. Ora, subtendendo o mesmo arco o angulo central duplo do inscripto.

### Modos de pontaria indirecta

Os modos de apontar indirectamente uma bateria, deixando de parte as possiveis combinações de uns com outros, são: a pontaria reciproca sobre uma peça ou sobre a luneta da bateria, o emprego do ponto de pontaria collectiva.

Além das combinações referidas pode suceder que na mesma bateria nem todas as peças se apontem pelo mesmo modo. Neste particular, como aliás na questão da pontaria a nossa technica oficial é duma perfeita generalidade deixa inteira liberdade na escolha do modo mais apropriado a cada caso particular.

*Exemplo.* A peça-base é apontada ao sentido, ou por pontaria directa, talvez com auxilio da haste de alongamento, ou subindo ou oficial á flecha ou aos bancos do reparo, ou balisando a direcção, ou dando-a a cavalo ou de um ponto elevado situado á retaguarda, ou por meio da luneta de bateria — e as demais se apontam por pontaria reciproca sobre a peça-base ou por um ponto de pontaria ao qual aquella refere a sua direcção.

### O feixe dos planos de tiro

Quando a pontaria indirecta se achava no inicio deu lugar, entre outras exuberancias seu valor pratico, á classificação solemne dos *gimens de tiro*: o parallelismo, o leque, a convergência.

Entre nós acha-se oficialmente banida essa distinção: fundamentalmente estabelece-se na bateria o feixe paralelo, abrir-o ou fechá-lo é uma clementarissima questão de jogo de deriva, de escalonamento additivo ou subtractivo, da direita ou da esquerda. Leiamos o R. T. A. (1919), página 57.

«Na pontaria indireta a bateria fica com as trajectórias paralelas, isto é, com o fogo repartido sobre uma frente igual á sua...» qualquer que seja o processo regulamentar que se empregue.

«Em qualquer desses processos de pontaria indireta, quando o feixe dos planos de tiro (11) tenha de ser repartido sobre uma frente maior ou menor do que a da bateria, bastará comandar um escalonamento additivo ou subtractivo igual ao terço da diferença de frente». Quando o objectivo é uma linha (em lugar de pontos separados que exijam o tiro á risca) é preciso na medição da frente do feixe tomar como limites os centros dos quartos extremos: (12) Quando a peça-base for a extrema esquerda esse escalonamento será, ao contrario, subtractivo ou additivo conforme se queira abrir ou cerrar o feixe.

«Se de antemão se sabe que existe tal diferença deve-se corrigir-a, isto é, fechar ou abrir o feixe de trajectórias antes do rompimento do fogo.»

E «sabe-se de antemão» comparando a frente angular do objectivo com a da bateria «paralela». Esta se obtém dividindo a sua frente linear (em geral 50 m = 3 intervalos de 20 passos) pela distância de objectivo.

(11) (N. da 2.ª ed.) — Foi aperfeiçoado este ponto. O R. T. A. 1914 (pag. 42) aí dizia: «... quando o fogo tenha de ser repartido...»

(12) (N. da 2.ª ed.) — Introduzido como nota na edição 1919 do R. T. A.

Importa accentuar que se deve a todo transitar a medição da frente do objectivo entre os extremos para em seguida abater o quarto assim obter a abertura do feixe. Como teoria isso é impecavelmente certo, como prática é... uma lastima.

Nada altera que nessa apreciação do centro dos quartos extremos, a olho, haja pequenos erros. O mesmo princípio sancionado pelo R. E. A.: «A pontaria de cada peça estando dentro do quarto da frente que lhe toca, está boa.» (Vd. 1.ª vol., pag. 284, n.º 34, fim).

(Continua)

## Bibliographia

Recebemos as seguintes publicações:

*Hoje*, Rio, ns. 51, 52 e 53 — Março de 1920  
Do sumário: A contrafação da Glória — endemia bahiana da revolta — A fome de car-

vão — Uma exhumação diplomática — Acordo apunhalador? — Cresce o mundo — Sob o guante da paz.

*Boletim da Sociedade Médico-Cirúrgica Militar*, Rio, n.º 8 — anno V — Fevereiro de 1920.

Do sumário: Estatísticas médico-militares — Pelas associações médicas.

*Memorial del Ejército*, Lima, Novembro e Dezembro de 1919.

Do sumário: A Academia Militar de West Point — Curso de administração militar — Sobre organização da cavalaria — As sociedades do tiro no Brasil — Qualidades de comando — Lei de promoções no exercito japonês.

*Patria*, Rio, ns. 8 e 9 — Ano I — Fevereiro e Março de 1920.

Do sumário: As acumulações remuneradas — O Exército e o centenário de 1922 — Batalha de 24 de Maio de 1866 — Quinquagésimo aniversário da terminação da Guerra do Paraguai — História Militar do Brasil.

*Sentinella*, Ribeirão Preto, n.º 11 — Fevereiro de 1920.

*Medicina Militar*, Rio, ns. 7 e 8 — Ano X — Janeiro e Fevereiro de 1920.

Do sumário: Historia anedóctica da «Gripe» na coleção do «Jornal do Commercio» — Algumas notas sobre as origens da syphilis — Os symptoms e o tratamento do pé de trincheira — Uma nova descoberta da medicina.

*Cruzada* (Orgão oficial da Sociedade Bibliothecaria Académica da Escola Militar), Rio, n.º 4 — Janeiro e Fevereiro de 1920.

Do sumário: Amor e trabalho — Fortificação permanente — Manual dos Radio-telegraphistas — Uma questão de calorimetria.

*Revista Militar*, Lisboa, n.º 2 — Ano LXXII — Fevereiro de 1920.

Do sumário: Lições da Grande Guerra — O emprego das máquinas de assalto — Portugal na guerra europeia.

*Propaganda da Lei do Sorteio e Instrução Militar*, collectânea de artigos publicados no «Goyaz» pelo 1.º tenente Marco Antônio F. de Souza, 1920.

*Explosivos e suas aplicações militares*, lições professoradas na E. M. do Realengo pelo Dr. Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti, 2.º Volume.

*Revista Militar*, Buenos Ayres, Fevereiro 1920.

Do sumário: Modelo de ordens para inspecções; a batalha offensiva na guerra de trincheiras; defesa contra ataques aéreos; método de instrução de aviadores; cavalaria alemã e francesa no último anno de guerra; tática de infantaria; orçamento de despesas para estudos de material de guerra.

## Ordens de divisão

Do n.º 229 da *Revista Militar* argentina extraímos o seguinte, que nos pareceu interessante, como ilustrativo da frase do exm.º Sr. general Gamelin segundo a qual alemães e franceses diante dos mesmos problemas chegaram ás mesmas soluções.

E' do artigo do Sr. tenente coronel Pertini, sob o título «a batalha offensiva na guerra das trincheiras». Assim começa o autor:

A ultima guerra pôz em evidencia, mais uma vez, que a divisão organizada com as tres armas que melhor permite o grupamento dos elementos necessarios para fazer um ataque, é a deidade superior em que seu efete pode fazer actir directamente e em qualquer parte, sua força pessoal.

Por esta razão todos os belligerantes consideraram a divisão como *unidade de ataque*. O emprego e a repartição judiciosa das divisões eram determinados pela acção efficaz de infantaria e para o cálculo desta se tomava o batalhão como *unidade de ataque*.

A experiência comprovou que a frente de ataque de um batalhão de 1000 homens é de 300 a 400 m., e seu avanço em profundidade não deve exceder de 1000 m. Rompida a organização defensiva do inimigo, deve o batalhão estar em condições de assegurar o terreno conquistado e poder organizar-se defensivamente.

O comando da divisão determinará a frente que cada batalhão, a profundidade de avanço e algumas vezes também a linha em que os batalhões devam se sobrepassar.

Ante a frente de ataque como a profundidade de vencer eram questões dependentes do numero de batalhões com que contasse a divisão.

O mesmo cálculo se fazia para o corpo de exército. De seu numero de divisões dependia a frente e a profundidade de seu ataque.

O poucas vezes observei que os corpos de exército chegavam a ter tres divisões e até quatro.

Em qualquer caso havia sempre a metade da primeira linha e a outra metade em reserva. Na preparação da offensiva todas as bocas de fogo da reserva cooperavam no ataque desde o começo da acção.

As divisões efectuam seu avanço por *alternância de linha*, isto é, pela passagem das divisões de segunda linha para adiante das de meira.

O regulamento diz a esse respeito:...

Recomenda-se geralmente combinar as *alternâncias de linha* de tal maneira que a divisão frete possa alcançar o maximo de sua capacidade offensiva sem gastar completamente toda sua força moral e phisica e sem sofrer grandes perdas.

Ela poderá então, em tais condições, ficar retaguarda e assumir o papel de segunda linha. Ao contrario, si uma divisão tiver comido até ao limite de suas forças, então em vez de alternação haverá *substituição*, isto é, ela deverá ser retirada para a retaguarda afim de organizar-se por permuta com unidades de reserva.

**Ordem de divisão.** — O ordem de divisão é confeccionada depois de recebidas do comando superior respectivo os delineamentos necessarios.

Com essas instruções de carácter geral o mandante da divisão faz a sua ordem definitiva, depois de haver completado os reconhecimentos necessarios com os officiaes de seu Estado-Maior.

A ordem de divisão deve determinar e organizar a frente até ao momento da acção.

Ella é, em uma palavra, a executora dos desígnios do commando superior.

Os planos de acção devem ser simples e concisos, conter sómente as indicações indispensaveis e devem ser acompanhados de cartas de 1:10.000, determinando exactamente a repartição das tropas.

Uma ordem de divisão deve conter:

a) *Objecto da acção offensiva*:

- 1.º missão da divisão;
- 2.º sectores de ataque;
- 3.º missão das divisões vizinhas.

b) *Condições gerais*:

- 1.º idéia da manobra;
- 2.º determinação dos diferentes tempos da preparação e da execução do ataque.

c) *Definição dos objectivos*:

- 1.º objectivo da acção offensiva;
- 2.º decomposição desta em varios ataques; previsão para a successão rápida dos mesmos;
- 3.º fiscalização dos objectivos do primeiro ataque: objectivo normal, objectivos intermediários e objectivo eventual;
- 4.º prescrições para os reconhecimentos de objectivos de ataque ulteriores;
- 5.º plano de conjunto dos ataques ulteriores e da exploração do exuto.

d) *Para o emprego das tropas de ataque*:

Densidade das formações de ataque e sua distribuição em sectores, com indicações relativas ao escalonamento em profundidade.

e) *Tropas de assalto e de reserva*:

- 1.º fixar os sectores de acção dos regimentos e batalhões de infantaria;
- 2.º objectivos sucessivos de cada regimento e batalhão.

f) *Alternância das linhas*:

- 1.º regulamentação da velocidade de marcha nas diversas fases do avanço;
- 2.º fiscalização da hora; como fazê-la;
- 3.º prescrições detalhadas sobre as patrulhas de reconhecimento ou os destacamentos incumbidos da busca de informações, as de golpes de mão contra a artilharia inimiga estabelecida além do objectivo normal, e logo determinar as tropas de assalto ou de reserva que devam alcançar o objectivo eventual;

4.º repartição das unidades constituídas que devam cobrir os flancos da unidade e a ligação com as vizinhas;

5.º repartição e missão das forças e dos meios de toda especie postos á disposição da divisão.

(A seguir: Um caso pratico).

### Revista Militar

Lisboa

Sob moldes novos acaba de aparecer a *Revista Militar* do Exercito português, cujos dois primeiros numeros revistamos na nossa Bibliographia. Ella é o fruto da fusão de varias revistas antigas de Portugal, dentre as quais sempre sobreasiam a «Revista da Administração Militar» e «Portugal Militar». Vem, pois, em sua «2.ª época», a *Revista Militar*, já recomendada por um longo passado de setenta e dois annos, e nada precisa que se acrescente como garantia do seu brillante exuto.